



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS – CESC
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

GEIZA DAMASCENO CHAVES

***BULLYING E EDUCAÇÃO NO CENTRO DE ENSINO GONÇALVES DIAS EM
CAXIAS-MA.***

CAXIAS-MA

2022

GEIZA DAMASCENO CHAVES

***BULLYING* E EDUCAÇÃO NO CENTRO DE ENSINO GONÇALVES DIAS EM CAXIAS-
MA.**

Monografia apresentada junto ao curso de Ciências Sociais Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Elieyd Sousa de Menezes.

CAXIAS-MA
2022

FICHA CATALOGRÁFICA

C512b Chaves, Geiza Damasceno

Bullying e educação no Centro de Ensino Gonçalves Dias em Caxias-MA
/ Geiza Damasceno Chaves. __Caxias: Campus Caxias, 2022.

75f.

Orientador: Prof.^a. Dra. Elieyd Sousa de Menezes.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão –
Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Educação. 2. Violência. 3. Bullying. 4. Escola. I. Título.

CDU 37.015.3

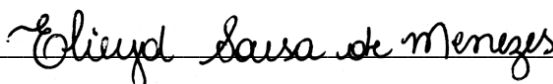
Elaborada pelo bibliotecário Wilberth Santos Raiol CRB 13/608

BULLYING E EDUCAÇÃO NO CENTRO DE ENSINO GONÇALVES DIAS EM CAXIAS-
MA.

GEIZA DAMASCENO CHAVES

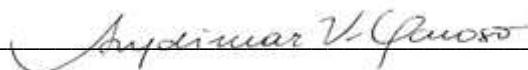
Apresentada em: 17 /01/2023

BANCA EXAMINADORA



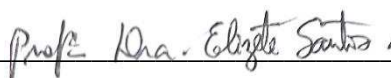
Profa. Dra. Elieyd Sousa de Menezes-Orientadora

Universidade Estadual do Maranhão - UEMA



Profa. Dra. Arydimar Vasconcelos Gaioso - Membro Examinadora

Universidade Estadual do Maranhão - UEMA



Profa. Dra. Elizete Santos - Membro Examinadora

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Suplente: Profa. MSc. Gleiciane Carvalho - Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

DEDICATÓRIA

Primeiramente a Deus por ter me dado força até aqui, depois aos meus pais, a meu marido, ao meu irmão, a minha orientadora, pela dedicação e paciência, e principalmente a meus filhos que são o motivo da minha luta diária e que me ajudaram a concluir este curso, e assim, servir de espelho para eles futuramente.

A eles dedico

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me fortalecido cada dia mais nessa jornada da monografia.

À minha família, pelo apoio que me deram durante todo esse processo.

Aos meus pais Gildenir Damasceno Chaves e Juvenal de Sá Coutinho Chaves, por cuidarem do meu filho para que eu pudesse estudar.

Ao meu marido Lourencio Sousa Pinto, que soube me compreender nos momentos mais difíceis de pensar em desistência.

Ao meu irmão Juvenildo Damasceno Chaves que me deu força mesmo de longe para eu seguir em frente.

À minha orientadora Profa. Dra. Elieyd Sousa de Menezes, por ter acreditado em mim, por ter me dado todo o amparo necessário para a construção dessa monografia e pela paciência nessa construção.

Ao Centro de Ensino Gonçalves Dias, pelo espaço que me deram para o desenvolvimento desta monografia.

EPÍGRAFE

“É preciso sentir a necessidade da experiência, da observação, ou seja, a necessidade de sair de nós próprios para aceder à escola das coisas, se as queremos conhecer e compreender”.

Émile Durkheim

RESUMO

O *bullying* se refere a todos os modos de agir agressivos, propositados e recorrentes que ocorrem sem motivação evidente, por um ou mais indivíduos contra outros, causando dor e angústia dentro de uma relação desigual de poder, acontece dentro das escolas através de brincadeiras repetitivas no qual quem se diverte é apenas o agressor, enquanto a vítima sofre. Esta violência mais genérica pode esconder racismos, homofobias, transfobias, dentre outros. Esta pesquisa tem como objetivo identificar a relação entre *bullying* e escola, bem como compreender quais as consequências ocasionadas por este, dentro da instituição; elegi o Centro de Ensino Gonçalves Dias para o *lôcus* da pesquisa e por já ter constituído uma relação acadêmica, na ocasião dos estágios supervisionados. Realizei pesquisa bibliográfica com a temática *bullying* na escola e trabalho de campo, utilizei questionários para entrevistas com gestores, professores e alunos, totalizando 170 entrevistas. Identifiquei que o *bullying* ocorre nessa escola, porém em forma de brincadeiras, o que superficialmente leva a crer que não há consequências, entretanto, essa é uma das características da violência simbólica, por isso o tema *bullying* deve ser discutido cada vez mais nos ambientes escolares e familiares.

Palavras-chave: Educação; Violência; *Bullying*; Escola;

ABSTRACT

Bullying is hall aggressive, intentional and repetitive attitudes that occur without obvious motivation, by one or more students against others, causing pain and anguish within an unequal power relationship, it happens within schools through repetitive games in which those who have fun it si only the aggressor, while the victim suffers, this research aims to identify the relationship between *bullying* and school, as well as to identify the consequences caused by it within the institution, I carried out research in several collections with articles and books on the theme of *bullying* at school, and in the field I used questionnaires for interviews with teacher and student managers, totaling 170 interviews for the purposes of this research, the research contributes satisfactorily to the development of this work, I was welcomed by the school and I was able to make the management arrive that *bullying* does occur, but in the form of games that do not affect one of the parties adas.

Keywords: Education; Violence; *Bullying*; School;

LISTAS DE SIGLAS

AEE- Atendimento Educacional Especializado

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

MEC- Ministério da Educação

PPP- Projeto Político Pedagógico

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Os professores conversam sobre o bullying?	23
Gráfico 2 - Os professores são capazes de impedir o bullying?	24
Gráfico 3 - O bullying é um fenômeno recente?	29
Gráfico 4 - Esta escola é segura para você?	29
Gráfico 5 - Dentro da escola você tem percebido o bullying?	31
Gráfico 6 - Como você lida com o bullying na sua instituição?	32
Gráfico 7 - O bullying interfere na educação?	32
Gráfico 8 - Você já sofreu bullying?	38
Gráfico 9 - Os pais participam ativamente das atividades da escola?	48
Gráfico 10 - Sua família conversa com você sobre o bullying?	49
Gráfico 11 - A escola tem o apoio da família no caso de bullying?	57
Gráfico 12 - A escola cria projetos de combate ao bullying?	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Antecedentes da pesquisa	13
O tema, o problema, o objeto e os objetivos.....	13
O processo de obtenção das fontes	15
O trabalho de campo	16
A estrutura desta monografia	17
1. CATEGORIAS ANALÍTICAS PARA COMPREENDER O <i>BULLYING</i>	18
1.1 A educação no Brasil: um breve contexto	18
1.2 Violência, poder simbólico e dominação.....	24
1.3 Violência escolar, <i>bullying</i> e estigma	27
2. CONTEXTUALIZANDO A ESCOLA CAMPO	40
2.1 Descrição da estrutura da escola	40
2.2 Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: o Novo Ensino Médio na escola campo e as ações de enfrentamento ao <i>bullying</i>	43
2.3 A escola como arena de conflitos: <i>bullying</i> e educação	51
3. ANÁLISE SOBRE O ENFRENTAMENTO AO <i>BULLYING</i>: O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NO PROCESSO EDUCATIVO.....	55
3.1 A diferença entre brincadeira x violência	55
3.2 A ocorrência do <i>bullying</i> entre os alunos do Centro de Ensino Gonçalves Dias.....	56
3.3. Sobre o acolhimento às vítimas de <i>bullying</i> : o papel da família e escola no combate a essa violência	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS.	70
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA.....	71
APÊNDICE C – REGISTROS VISUAIS DO TRABALHO DE CAMPO	72

INTRODUÇÃO

Antecedentes da pesquisa

O *bullying*¹ “compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outros, causando dor e angústia e executadas dentro de uma relação desigual de poder, torna-se possível à intimidação” da vítima (LOPES; SAAVEDRA, 2003 apud FANTE; PEDRA, 2008, p. 33). Esta violência mais genérica pode esconder racismos, homofobias, transfobias, gordofobias, dentre outros. A presente pesquisa foi realizada no Centro de Ensino Gonçalves Dias em Caxias – MA, a escola é de cunho estadual da modalidade de ensino médio com estrutura que contém acessibilidade, é inclusiva, pois possui atendimento educacional especializado – AEE. Essa instituição de ensino é composta por 7 salas de aulas, cada sala é equipada com carteiras, que variam de acordo com a quantidade de alunos, ventiladores, lousa e uma mesa com cadeira para o docente.

A presente monografia começou a ganhar forma com o projeto escrito a partir das experiências com as disciplinas de estágio supervisionado I e II, e logo em seguida, a certeza de trabalhar com a temática se confirmou com o estágio em gestão, por proporcionar uma maior proximidade com os alunos e de forma mais ampla, durante esses processos compreendi que o problema *bullying* é algo muito presente na instituição porém, essa violência, relacionada a gênero, racismo e homofobia naquele local é pouco notado. Os três momentos dos estágios, foram momentos de descobertas e de conhecimentos adquiridos, pois pude aprender sobre a prática do ensinar e conhecer um pouco dos desafios enfrentados pelos docentes para que os alunos tenham um bom aproveitamento do conteúdo que lhe é repassado. Considero que o estágio supervisionado é o momento em que há o desenvolvimento da identidade do graduando enquanto docente.

O tema, o problema, o objeto e os objetivos

Para o desenvolvimento desta pesquisa, optei pelo tema “*Bullying* e educação” no Centro de Ensino Gonçalves Dias. Esse tema me chamou atenção por ter ouvido alguns discursos nessa escola, durante a realização do estágio em gestão escolar, tais discursos estavam

¹ A escrita em *itálico* se justifica por dois motivos: um por se tratar de palavra estrangeira e outro por se tratar de uma categoria cujo significado é específico dentro de um contexto, ou seja, da violência escolar.

referidos a uma situação da qual um aluno, homem trans, maneira como passou a se identificar em relação à sua identidade de gênero, o que gerou *bullying* transfóbico/homofóbico em sala de aula.

Outra situação observada durante o estágio de gestão é que os alunos não se chamavam pelos seus nomes e sim por apelidos, atribuídos pelo seu aspecto físico, como cabelos, sobrancelhas, orelhas ou até pela sexualidade, sempre com “ar de brincadeiras” mesmo com resistências, vale ressaltar que a maioria desses apelidos são de cunho racista que parte de um aluno para outro.

O objeto de estudo aqui proposto é a relação entre *bullying* como uma violência mais genérica e educação na escola. Pretendo responder o seguinte problema: como a escola lida com o combate ao *bullying* e quais as consequências ocasionadas por este em relação à educação?

Com o intuito de compreender o objeto desta pesquisa, ou seja, a relação entre *bullying* e educação na escola, o presente estudo tem o propósito de trazer informações e argumentos necessários para a compreensão do tema em discussão, a abordagem dessa pesquisa foi desenvolvida sob a luz da pesquisa qualitativa e quantitativa, como aponta Minayo (2004), “A pesquisa qualitativa proporciona a compreensão em profundidade do contexto do problema. É um método indutivo por excelência para entender por que o indivíduo age como age, pensa como pensa ou sente como sente, pois, respostas em profundidade são geradas apenas pela abordagem qualitativa”.

Já a “pesquisa quantitativa é um método de pesquisa social que utiliza a quantificação nas modalidades de coleta de informações e no seu tratamento, mediante técnicas estatísticas, tais como percentuais, média, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão” (MICHEL, 2005). Portanto, de acordo com as entrevistas que foram submetidas aos gestores, professores e principalmente aos alunos, alunos estes com idades entre 15 e 17 anos, sobre a ótica de experiências e diálogos relatados no decorrer da pesquisa, nos corredores da escola e em momentos de recreação, pude concluir com êxito a minha pesquisa.

A escolha desta instituição como campo de pesquisa se deu pelo fato de ser uma escola localizada no centro da cidade e de referência para todos os bairros de Caxias - MA, atendendo, portanto, o público de toda a cidade, me chamou atenção pela mesma ser muito requisitada pelos alunos em geral. Outro fator importante para esta escolha foi a minha presença na escola para outras atividades, atividades estas que me deram luz para esta pesquisa sobre *bullying*, onde pude observar que apesar de ser uma escola de ensino médio, alguns alunos não

tinham o conhecimento aprofundado sobre o tema da pesquisa. Além disso, é uma escola bem acessível, com bom acolhimento ao alunato.

Em entrevista realizada com a coordenadora da escola a professora Dulce Helena Teixeira dos Santos, mestra em educação e formada em pedagogia, identificamos que o maior desafio da escola está em pôr em prática o projeto político pedagógico, sobretudo, depois da reforma do novo ensino médio.

O processo de obtenção das fontes

Para um bom desenvolvimento da pesquisa me cerquei antes de conhecimentos bibliográficos, onde foram realizadas pesquisas em vários acervos com artigos e livros sobre a temática desenvolvida para que assim pudesse levar de forma coerente o objeto proposto, utilizei de plataformas como *Scielo Brasil* em busca de artigos que pudessem nos dar um visão mais geral do estudo, além de dados de pesquisas estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, busquei por informações também no google acadêmico afim de encontrar com segurança dados e artigos esclarecedores que pudessem enriquecer a pesquisa e outras bases de dados como Library Z e Library Genesis.

A leitura de Goffman (1978) foi oportuna para o entendimento do tema desta pesquisa, em seu livro “Estigma” o autor nos traz o entendimento de diferentes visões sobre estigma e identidade social, pelo controle de informações e identidade pessoal, fala também sobre o alinhamento grupal e identidade do eu, o eu e seu outro e por fim os desvios e seus comportamentos desviantes, o autor faz uso de todos esses conceitos para mostrar que o estigma tem ligação direta com a forma como as pessoas estereotipam uns aos outros, um estudo que enriqueceu em muito a minha pesquisa.

Me apoiiei também, para este estudo, nas pesquisas de outros autores como Bourdieu (1998), onde retratei sobre o olhar do mesmo, o conhecimento de violência simbólica vista como a forma de coação que se apoia no reconhecimento de uma imposição determinada, seja esta econômica, social ou simbólica, Malinowski (1976) acerca de métodos etnográficos, Max Weber (1997), Durkheim (1952), entre outros livros utilizados para fins desta pesquisa, vale ressaltar que para se chegar a escolha destes livros e artigos foram utilizadas sempre as palavras chaves: educação, violência, *bullying*, relação *bullying* e sala de aula, visão dos gestores acerca do *bullying* para chegar à conclusão desta pesquisa.

Procedi ao levantamento bibliográfico buscando responder a todos os questionamentos e dúvidas acerca do objeto de estudo em questão, a relação *Bullying* e

educação, a fim de ter os instrumentos analíticos para compreender o contexto ao qual os alunos estão inseridos, e quais os tipos de violência são presentes na instituição.

Além do levantamento bibliográfico, procedi ao trabalho de campo, para que pudesse analisar uma realidade empiricamente observável sobre o tema da pesquisa afim de chegar a uma análise que proporcionasse a construção de um conhecimento sobre *bullying* e educação na cidade de Caxias – MA, para isso realizei a aplicação de quatorze questionários na escola campo, sendo cinco deles para professores e nove para professoras, estes estavam na escola no momento da pesquisa por tanto apenas estes foram entrevistados.

Ademais entrevistei também 156 estudantes sendo que alguns não se identificaram, uma pequena parcela dos entrevistados equivalentes a 30 alunos, os que se identificam totalizam 126 alunos, 68 do sexo masculino e 58 do sexo feminino, vale ressaltar que os meninos são os que mais praticam a violência caracterizada como racismo por questões físicas relacionadas as meninas, seja por conta do cabelo ou por tom de pele.

Com esta pesquisa de campo identifiquei várias formas de *bullying*, como o racismo, homofobia e gordo fobia, todas essas violências são praticadas em sua grande maioria nos horários de recreação dos alunos bem como nos intervalos de um professor para outro, pelo que pude observar pouco acontece em sala de aula, no entanto nos corredores é algo muito presente.

O trabalho de campo

O trabalho de campo se deu com observações e aplicações de questionários realizados no mês de novembro de 2022, entre os dias 10 e 29. O *lôcus* escolhido foi o Centro de Ensino Gonçalves Dias, antes disso todas as relações e conhecimentos prévios construídos durante os estágios supervisionados foram acionados. A escola me deixou livre em relação a como seria feito a aplicação, com isso realizei uma pequena palestra sobre o tema *bullying* aos alunos, abordando a relação desse fenômeno com a educação, sua origem e suas consequências, antes da aplicação da entrevista/questionário. Essa palestra em algumas salas se tornou um pequeno debate, pois muitos alunos já possuíam conhecimento a respeito da temática *bullying*.

A pesquisa em questão se deu com a aplicação de um questionário de sete questões, curto, porém objetivo e produtivo, pois através do mesmo pude compreender o posicionamento dos alunos, dos professores e da comunidade escolar acerca do *bullying* na escola; todos colaboram com unanimidade, após as aplicações, passei uma semana indo à campo para que além do questionário aplicado pudesse também compreender a convivência dos alunos, a partir

de observação direta, em seus momentos de descontração na escola: a conhecida hora do recreio.

O acesso à escola só se deu pela manhã, pois é o único horário no qual a escola funciona, já que no turno vespertino o prédio é cedido para outras finalidades do Estado. Após a transcrição das entrevistas colhidas na escola, para a escrita da pesquisa utilizei de nomes fictícios, pelo fato de que os alunos não quiseram se identificar, e também porque os educandos em sua grande maioria são menores de idade, por esse motivo não irei expor nomes no decorrer deste trabalho.

A estrutura desta monografia

Este trabalho de conclusão de curso se divide em três capítulos. No primeiro, intitulado “categorias analíticas para compreender o *bullying*”, podemos analisá-lo dentro da escola, assim como verificar sua forma de atuação e desenvolvimento, bem como quais as consequências que podem ser ocasionados pelo tal, neste primeiro capítulo se observa também um breve contexto da educação no Brasil, assim como a violência escolar, visando o conceito de *bullying* e estigma, veremos também os conceitos de *Violência*, *poder simbólico*, e *dominação* e por fim iremos reconhecer como o *bullying* acontece em sala de aula, vale ressaltar que todo esse primeiro capítulo está pautado na pesquisa bibliográfica.

No segundo capítulo, cujo título é “Contextualizando a escola campo” retratarei a escola de uma forma geral e detalhada, pois foi onde fui à campo para o desenvolvimento da pesquisa. O trabalho de campo se deu de forma acolhedora e participativa, pude contar com apoio de todo o corpo da escola nas realizações das entrevistas, ficando assim, satisfeita com a participação de todos. O primeiro contato direto com a instituição se deu no dia 10 de setembro de 2022, onde pude finalmente conversar com a gestão e conseguir permissão para adentrar no âmbito escola, ter acesso aos alunos, de todas as salas e aos professores, para iniciar as entrevistas através dos questionários; neste segundo capítulo, portanto, irei expor a descrição da estrutura escolar, falarei ainda acerca das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: o Novo Ensino Médio na escola campo e as ações de enfrentamento ao *bullying* e por fim, neste capítulo a escola é analisada como arena de conflitos.

Já no terceiro capítulo trago os resultados da pesquisa de campo aliada às leituras bibliográficas, baseado nas evidências apresentadas no decorrer do trabalho pelos educandos, professores e pela gestão escolar. Foi possível constatar que apesar da frequência do *bullying* na escola quase não chegar até a diretoria, entre outras descobertas na instituição, pude notar

também que a escola diariamente trata os alunos como familiares próximos, e por consequência essa relação de confiança e acolhimento reflete na educação.

1. CATEGORIAS ANALÍTICAS PARA COMPREENDER O *BULLYING*

Neste primeiro capítulo busco proceder a uma discussão teórica sobre as categorias analíticas que nos ajudam a entender o objeto desta pesquisa: a relação entre *bullying* e educação, tais como, *violência* (BOURDIEU 1989, 1975; FANTE 2005; LEVISKY, 1995; ZENAIDE, 2003, LOPES NETO, 2005), *bullying* (LOPES NETO, 2005, CONSTANTINI 2004, FEDER 2007, ABRAPIA, 2002; GUARESCHI, 2008; BARROS, 2008), *educação* (BITAR E BITAR, 2012; DUDEQUE, 2006, WEBER, 1997; SPALDING et al. 2020; PINHO E ARAÚJO, 2019), *poder simbólico* (PIERRE BOURDIEU, 1998; WEBER, 1991; WEBER, 1999). É oportuno também entender sobre um breve panorama da educação no Brasil, sobretudo a partir do século XX. Assim, busco responder nesse capítulo o seguinte questionamento: O que é *bullying*? E quais os seus efeitos na educação?

1.1 A educação no Brasil: um breve contexto

A educação é a prática social que visa o desenvolvimento do ser humano, e de suas potencialidades, habilidades e competências, deve ser algo valorizado pois dela parte o futuro da sociedade, o professor é um dos principais agentes para que a educação se desenvolva da melhor forma possível.

Analisando a educação no Brasil partir das décadas de 1930 a 1960 podemos identificar que o Brasil passou por importantes mudanças que interferiram diretamente. As mudanças mencionadas ocorreram por conta do modo capitalista de produção que desencadeou algumas transformações ligadas diretamente à educação, essas transformações perpassaram pela criação do Ministério da Educação e Saúde Pública instauradas pelo Decreto nº 19.850, de 11 de abril em 1931, a reforma do Ensino Secundário e do Ensino Superior que aconteceu no mesmo ano, já a formação da educação Nova ocorreu em 1932, a Constituição Federal de 1934, entre outros que foram e são importantes para que se chegasse aos moldes de hoje.

Segundo Bittar e Bittar (2012) a educação tinha interesses opostos, de um lado, a Igreja Católica e setores conservadores e dos outros setores liberais, progressistas e até mesmo de esquerda, aderindo ao ideário da Escola que vinha disputando espaços, como pode ser lido:

A educação foi palco de manifestações ideológicas acirradas, pois, desde 1932, interesses opostos vinham disputando espaço no cenário nacional: de um lado, a Igreja Católica e setores conservadores pretendendo manter a hegemonia que mantinham historicamente na condução da política nacional de educação; de outro, setores liberais, progressistas e até mesmo de esquerda, aderindo ao ideário da Escola Nova, propunham uma escola pública para todas as crianças e adolescentes dos sete aos 15 anos de idade. (BITAR E BITAR, 2012 p.158).

As autoras discorrem ainda que a “disputa ideológica atravessou décadas e reformas educacionais sem que o poder público brasileiro edificasse um sistema nacional de escolas públicas para todos” (Bittar e Bittar, 2012, pág. 158), a conclusão à qual as mesmas chegam é de que “foi mais fácil expandir o sistema do que fazê-lo cumprir sua função de promover aprendizagem às crianças e aos jovens brasileiros” (Bittar e Bittar, 2012, pág. 158).

Hoje a educação sofre grandes impactos, dentre eles temos a violência escolar, que do ponto de vista de Dudeque (2006: p. 73) “O ensino proposto pelo sistema educacional brasileiro é ineficiente e antidemocrático, de forma a discriminar e a excluir uma grande parcela da população”. Marx e Engels (1982) defendem que uma das medidas inevitáveis como meios de revolucionamento de todo o mundo é a educação pública, para tanto necessita-se de um posicionamento maior das autoridades para que se desenvolva o assunto, o conceito de Marx e Engels nos remete também ao conceito de Durkheim (1978) acerca da educação como processo social, vale ressaltar que o mesmo foi um dos primeiros autores a destacar a educação como um

fenômeno social, para ele a educação desde sempre deve ter um papel de prioridade, pois é através dela que ocorre a socialização, o autor ressalta que:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não se encontram preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina. (...) no homem [diferentemente do que acontece entre os animais], as aptidões de todo o gênero que a vida social pressupõe são muito complexas para (...) materializarem-se sob a forma de predisposições orgânicas. Disso se depreende que elas não podem ser transmitidas de uma geração a outra por meio da hereditariedade. É pela educação que se faz a transmissão. (Durkheim [1922], 1978, p. 41)

O autor reafirma a educação como um *fato social*, para ele o acesso à educação desde a infância vai dar possibilidades futuras, onde o papel das próximas gerações é continuar repassando a educação adquirida, isso porque para ele, a educação bem como a sociedade sofre a ação coercitiva e externa que permite uma forte identificação enquanto sistema social, portanto é importante se educar desde a infância.

Durkheim (1952) destaca que é importante a amplitude da educação, perpassando do ensino simples até o mais complexo, segundo ele se começa por indagar qual deve ser a educação ideal, abstração feita das indagações de tempo e lugar, é porque se admite, implicitamente, que o sistema educacional nada tem de real em si mesmos (Durkheim, 1952).

E para que haja um bom desenvolvimento da educação é necessário que se valorize os profissionais da mesma, de acordo com Weber (1997), a desvalorização da profissão docente remete à tomada de consciência de que mudanças nesse panorama dependem basicamente do reconhecimento social, da relevância da educação formal por parte da própria sociedade, por tanto podemos afirmar que essa valorização não deve partir apenas do poder público, mas também da sociedade em geral. Trazendo para os dias atuais podemos observar, em relação à educação, que apesar de muitos avanços, ainda se encontra muito falha e desigual, a citar exemplos, estamos recentemente voltando aos poucos de uma pandemia² que veio mostrar as desigualdades, carências e falhas a serem combatidas na educação.

A pandemia do covid-19 acabou por interferir de forma direta no ensino, pois junto com a mesma veio o grande aumento de evasão escolar, bem como a transformações de nossas casas em escolas, além de que a tal, que ainda se encontra ativa, vem afetando o ensino aprendizado isso porque os alunos, segundo a escola campo, se encontram lentos, com pouca

²A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pela corona vírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global, no Brasil já vitimou mais de 691.021, e por conta deste vírus todos os alunos do mundo passaram a ter aulas online por mais de dois anos e aos poucos foram retornando para o presencial, após a vacinação.

participação nas aulas e um mal desenvolvimento escolar, ainda segundo os professores o desanimo para assistir aula (presencial) é notório, justificando assim os fatores citados.

Com o avanço da pandemia, foi necessário adaptar o sistema de ensino utilizado atualmente para que todos os alunos continuassem o processo de aprendizagem (SPALDING et al., 2020). E então com as novas adaptações surgiu primeiramente o ensino remoto emergencial afins de suprir a necessidade da sala de aula. Desse modo, um dos efeitos da pandemia na educação foi essa modificação, do presencial/físico para o remoto, ou seja, em formato de aulas online. Uma forma de ensino, que apesar de já existente, passou a ser mais utilizado, tornando-se a única forma de dar seguimento à educação e mantê-la ativa, porém tal fato não modificou apenas o ensino, mas também as relações de socialização entre a escola e aluno.

Nesse período de pandemia o professor precisou se reinventar e aprender metodologias das quais não estavam adaptados para garantir que o aluno tivesse acesso ao processo de ensino-aprendizagem durante o período de aulas remotas.

Enquanto condutores do aprendizado, os professores e as escolas têm papel indispensável no tocante à cultura digital, não só por criar dinamismo ao direcionar o aprendizado dos conteúdos, como também auxiliar os estudantes a se inserirem na cultura digital de forma responsável e proveitosa (PINHO; ARAÚJO, 2019). Portanto, essas novas adaptações vieram não só para os educandos, mas também para a escola, interferindo diretamente na educação.

A pandemia do Covid-19 evidenciou na educação as desigualdades de ensino, problema existente, mas que não tinha tanta visibilidade, tornando-se um assunto permanente e bastante cobrado ao poder público, este último, mal visto até hoje por não suprir as necessidades educacionais no momento de maior carência. Vale ressaltar que hoje, 20 de setembro de 2022, a pandemia não acabou e ainda se busca formas de combate ao vírus responsável por milhares mortes de pessoas no mundo.

Outro fator relacionado a educação e que entrou em vigor no ano de 2022 nas escolas, foi o novo ensino médio. O novo ensino médio de certa forma faz com que os alunos interajam mais tempo nas escolas, isso porque segundo a Lei nº 13.415/2017 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o ensino que antes era de 800 horas para 1000 horas obrigatoriamente, portanto pelo fato dos alunos se encontrarem sobrecarregados, necessitam então, de uma maior atenção principalmente em relação ao emocional, algo que pode acarretar a ocorrência do *bullying* na sala de aula, visto que os alunos convivem por mais tempo devido as eletivas de

bases, disciplinas temáticas que fazem parte da base diversificada da escola em consonância com duas ou mais disciplinas propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para aprofundar os conhecimentos construídos pelos estudantes. Sendo assim, acreditamos que cansaço que essas disciplinas temáticas trazem aos alunos, pode ser um fator colaborativo para o aumento do *bullying* na escola, uma vez que tais disciplinas abrange todas as turmas, tendo assim um desgaste maior a todos os envolvidos.

O intuito do novo ensino médio é aumentar a carga horária dos educandos de 2400 horas para 3 mil horas, no entanto das 3 mil horas, 1800 horas serão destinadas as disciplinas obrigatórias da Base Nacional Comum Curricular e 1200 horas para os itinerários formativos, com isso cada escola obrigatoriamente terá que ofertar aos educandos pelo menos uma opção complementar a formação dos mesmos.

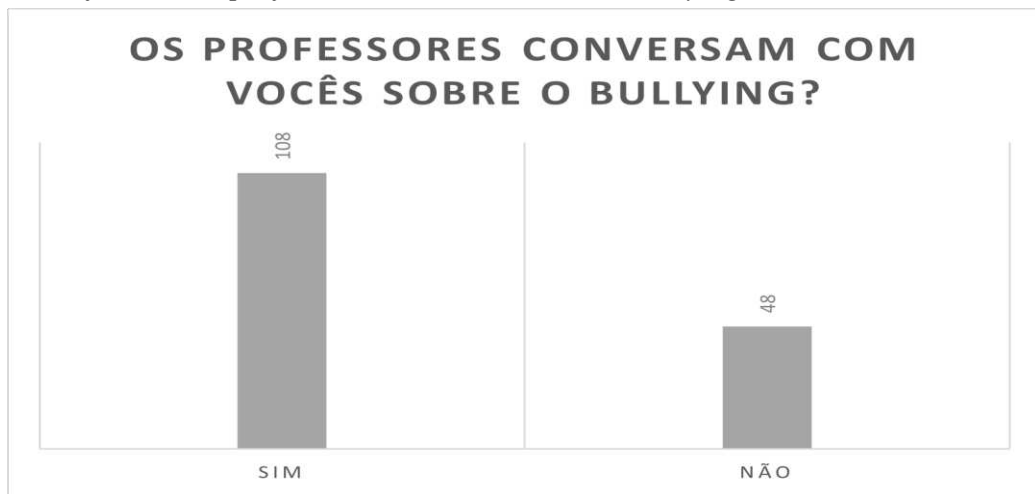
Segundo Motta e Gaudêncio (2017) acerca da temática, “Por que a urgência da reforma do ensino médio? Medida provisória de Nº 746/2016 (LEI Nº 13.415/2017) ” dirigentes do Ministério da Educação (MEC), afirma ser a reforma do Ensino Médio urgente, também porque era e é necessário destravar as barreiras que impedem o crescimento econômico. No entanto, a realidade do novo ensino médio não se assemelha ao projeto elaborado no papel, tendo em vista que trouxe esgotamento aos alunos, bem como confundiu ainda mais a cabeça dos educandos, vale ressaltar que muitos chegam ao ensino médio sem saber qual profissão quer seguir, portanto os métodos implantados pelo novo ensino médio vieram a pressionar ainda mais os alunos, dando assim espaço para mais evasão escolar.

A proposta do novo ensino médio surgiu partindo do pressuposto dos baixos índices de desempenho, altas reprovações e atrasos dos estudantes brasileiros, no entanto não haverá mudanças apenas aos alunos, a ideia é que se amplie também aos profissionais da educação, que passarão a planejar e realizar as aulas de maneira integrada entre as várias disciplinas.

Contudo, a implementação do novo ensino médio traz aspectos positivos e negativos, tanto para alunos quanto para professores, ou seja, aos primeiros mais tempo no aprofundamento dos conteúdos aplicados, porém, vale lembrar que além das tarefas já propostas em sala de aula, os alunos precisam ainda dar conta de atividades extras; os professores mais tempo para desenvolver os objetivos propostos, aumento da jornada de trabalho, já que eles são responsáveis pela criação das eletivas de bases. Outro ponto negativo é o fato dos alunos passarem mais tempo juntos, colaborando assim para o crescimento da violência escolar, fato este observado na escola campo, os tempos extras convertido nas eletivas de bases causam estresse tanto nos alunos, quanto nos professores, pois no decorrer das aulas precisam se dividir entre conteúdos e temáticas das eletivas.

Partindo do pressuposto do aumento da violência escolar relacionado ao *bullying*, busquei o questionamento acerca da seguinte pergunta, aplicada no questionário:

Gráfico 1 - Os professores conversam sobre o bullying?



Fonte: Geiza Damasceno. Trabalho de campo, 2022.

A fim de responder ao questionamento, tive a confirmação de que a maioria dos professores - como mostra o gráfico anterior - conversam sobre a temática, e mais, buscam a realização da discussão através de pautas, principalmente, nas eletivas de bases realizadas na escola.

No entanto, quando questionados, os professores afirmaram que apesar de conversarem com os alunos sobre a temática, a maioria afirmou não serem capazes de impedir que o *bullying* aconteça, principalmente quando os educandos se encontram fora das salas de aula, é o que mostra o gráfico abaixo sobre a seguinte discussão.

Gráfico 2 - Os professores são capazes de impedir o bullying?



Fonte: Geiza Damasceno. Trabalho de campo, 2022.

Segundo alguns professores esse impedimento só se é possível quando os alunos estão ao seu alcance, ou seja, na sala de aula, e quando ocorre o contrário, eles não têm o controle, portanto são impossibilitados de impedir a ocorrência do *bullying* entre os alunos.

1.2 Violência, poder simbólico e dominação

Segundo a Organização mundial da saúde (OMS), extraído do Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, em Genebra (OMS 2002), a violência é definida como o uso intencional de força física ou poder, se baseia também em ameaças e fatos reais contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resultem ou tenham grande probabilidade de resultar em ferimento, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação, são vários os tipos de violências existentes, no entanto no presente trabalho, será adiante aprofundado sobre a violência escolar, voltado para o objeto de estudo em questão, o *bullying* na escola.

Esse conceito de violência nos remete ao conceito de Pierre Bourdieu (1989) acerca da violência simbólica vista como a forma de coação apoiada no reconhecimento de uma

imposição determinada, seja esta econômica, social ou simbólica, o poder simbólico é, para Bourdieu, “uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder” (1989, pág.15), no entanto essa violência só é permitida quando a vítima aceita, quando há a cumplicidade, tal comportamento para o autor é passível de uma análise estrutural, onde é preciso compreender porque a vítima permite a violência e, em que a mesma se fundamenta, tendo em vista que geralmente o poder, por parte do agressor em relação a vítima, está relacionado com os interesses das classes dominantes, onde os fortes se sobressaem em relação aos mais fracos.

O autor ressalta ainda ser a mesma cultura que une por intermédio da comunicação, a mesma cultura que separa como instrumento de distinção, ou seja, que faz a exclusão de pessoas por conta de suas classes sociais, pois os ditos sistemas simbólicos analisam seus grupos pelo que estes têm ou produzem e são caracterizados pela sua função social e ainda política. Trazendo o conceito para a escola, a violência simbólica ocorre na medida em que há a exclusão do aluno, que supostamente não se enquadra nos padrões impostos pela comunidade escolar, e a mesma vai desencadeando no aluno a vontade de não permanecer ali resultando então na desistência do mesmo.

Segundo Bourdieu (1975) a escola perdeu o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como uma das instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais. Ou seja, a escola passa de um ambiente de refúgio e aprendizado para um ambiente sufocador e em muitos casos insuportável, essa inversão de papéis faz com que cresça cada vez mais a violência dentro do ambiente educacional, isso porque segundo os autores do artigo a sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições, Claudio Marques Martins Nogueira e Maria Alice Nogueira, a escola era para ser tida como um ambiente neutro, no entanto a realidade mostra que as chances, dentro da mesma, são desiguais.

Um dos principais fatores atingido pela violência é o psicológico, pois é a partir do mesmo que tudo se gere, o mesmo se infiltra entre os alunos de forma sutil e corriqueira, de acordo com (Fante 2005, p. 29), quem a pratica tem a intenção de apavorar o outro indivíduo, de acordo com as autoras a manifestação das vítimas diante de seus agressores é de forma a se isolar ou fazendo algo fora de seus costumes como: baixa no rendimento escolar, fazendo assim com que se perceba o problema ocorrido. Cabe destacar que esse fenômeno precisa cada vez mais de estudos, por ser um assunto considerado complexo, e com várias versões tendo em vista que são muitos os tipos de violência.

O conceito de violência também nos remete ao conceito de Max Weber (1991) quando é analisado o poder e a capacidade de um indivíduo exercer sua vontade em uma relação social, quando o autor descreve os tipos de dominação, caracterizada como uma batalha intensa na vida social capaz de levar as pessoas a praticar violência uns contra os outros; segundo o autor, a dominação tradicional acontece quando os indivíduos aceitam o poder exercido através dos costumes e hábitos, podendo então ser considerada como uma forma de influência acerca dos valores morais e éticos, existente desde a Idade Antiga e que permanece até hoje.

Sobre os tipos de dominação, o autor destaca três: A dominação carismática, aquela que perpassa pela autoridade que é suportada, e pela devoção afetiva partindo dos dominados; a dominação tradicional onde a autoridade é, pura e suportada pela existência de fidelidade tradicional e a dominação legal, que se refere a qualquer direito que pode ser criado e modificado através de um estatuto sancionado corretamente, nesse tipo de dominação prevalece a burocracia, segundo Weber são a Hierarquia Funcional, a Administração que se baseia em Documentos, a Demanda pela Aprendizagem Profissional, as Atribuições são oficializadas e há uma Exigência de todo o Rendimento do Profissional responsáveis para um bom desenvolvimento burocrático.

Partindo do pressuposto de dominação legal de Weber, podemos identificar que neste ponto não se obedece a um indivíduo, mas sim as regras impostas, podemos relacioná-la com a educação e com a escola em geral, pois ela está representada pelo Estado e tem esse papel de estabelecer os diálogos e as regras entre os indivíduos que ali se encontram, por tanto se tornando assim, para o autor, um tipo de dominação considerada estável. No que tange ao nosso objeto de estudo *Bullying*, a escola tem o poder de aplicar a dominação legal, pois como já dito, pode estabelecer o diálogo e impor regras sobre esse questionamento dentro de suas dependências fazendo com que os alunos compreendam e possam analisar quem pratica e quem sofre o *bullying*.

Segundo Lourenço *Et all* (2012) parte não somente dos alunos, mas também de professores, entender que o *bullying* causa danos e prejuízos ao outro ou a grupos percebidos como frágil, para quem realiza o ataque. Portanto, os autores destacam que a gestão do *Bullying* no ambiente escolar é considerado um trabalho em conjunto e deve ser realizado pelos profissionais da escola.

Com isso, o papel da escola é de fundamental importância, devendo sempre deixar disponível locais para que os adolescentes possam se expressar, de forma a desabafar seus medos e angústias perante outros colegas, para que assim a gestão escolar busque a raiz do problema e possíveis soluções para os mesmos, tendo em vista que a gestão no ambiente

escolar, segundo os autores, é uma das variáveis fundamentais para a prevenção, bem como o suporte às medidas de intervenção.

Embora esse problema seja difícil de resolver, o papel do gestor vem como um objeto norteador em busca da melhor solução possível, no combate dentro da escola, por ser um problema crescente se tornou objeto de estudo com frequência, portanto aumentando as cobranças perante as gestões das escolas, por entenderem que a vida escolar é um dos principais marcos da vida da criança e do adolescente.

Os autores destacam também que o *bullying* se diferencia entre meninos e meninas com formas de abordagens diferente, os meninos por exemplo, utilizam mais agressões físicas bem como as verbais, segundo os autores, acabam puxando mais para o psicológico, já as meninas utilizam mais de agressões indiretas, ou seja, aquelas caracterizadas por ofensas, humilhações chegando até a exclusão social, sendo assim o *bullying* entre meninas e meninos pode ser caracterizado como um fator de forte interferência negativa e de dominação, no ambiente escolar.

Para Max Weber (1999) “as dominações são um fenômeno social intrínseco a todas as sociedades e por isso está presente em diversas relações sociais, na escola ela se apresenta com demandas que o Estado impõe baseada na legitimidade das ordens estatuídas e do direito de mando daqueles que, em virtude dessas ordens, estão nomeados para exercer a dominação” (WEBER, 1999, v. 1, p. 141), essa forma de dominação segundo o autor é a mais racional, pois possibilita que as regras sejam seguidas de maneira civilizada, bem como geridas de forma prática para que ambos os lados se satisfaçam. Vale ressaltar que essa forma de dominação é essencial para humanidade, apesar de seus pontos e contrapontos, nesse preceito rege a obediência, o que para Weber é sinônimo de eficiência, uma burocracia, uma vez plenamente realizadas, pertence aos complexos sociais mais dificilmente destrutíveis (WEBER, 1999, v. 2, p. 222).

Portanto, seguindo os preceitos de Weber em seguir regras e haver obediência, interpretando o *bullying* na escola, caberia ao Estado a implementação de políticas de combate a esta violência nas escolas, ressaltando que uma vez que essas políticas fossem impostas caberia a escola e aos seus subordinados segui-las de forma a coibir o *bullying* nas instituições, e fixar para os alunos a importância dessas discussões, tendo em vista que o problema já é considerado um dos maiores causadores da violência dentro das escolas.

1.3 Violência escolar, *bullying* e estigma

Definir de fato o conceito de violência escolar é um tanto quanto difícil por depender de vários fatores, partindo do pressuposto de caracterização da violência é uma transgressão da ordem e das regras da vida em sociedade, Aída Monteiro (2002) afirma que a violência é a ausência e desrespeito aos direitos do outro. Violência pode ser também “uma reação consequente a um sentimento de ameaça ou de falência da capacidade psíquica em suportar o conjunto de pressões internas e externas a que está submetida” LEVISKY (1995) apud DIAS; ZENAIDE (2003), são vários os tipos de violências existentes dentro do ambiente escolar, no entanto no presente trabalho vou destacar o *bullying*, que faz parte do objeto desta pesquisa.

Segundo Lopes Neto (2005), *bullying* é um fenômeno que se caracteriza por atos de violência física ou verbal, que ocorrem de forma repetitiva e intencional contra uma ou mais vítimas, esse problema começou a ser estudado na Suécia, na década de 1970. No cenário brasileiro, foi, sobretudo, na década de 1990 que o *bullying* passou a ser visto e discutido. No ano de 2005, o mesmo passou a ser objeto de discussão em artigos científicos (Lopes Neto, 2005). Embora os estudos sobre o *bullying* escolar no Brasil sejam recentes, o fenômeno é antigo e preocupante, afinal quem nunca passou por uma situação de constrangimento, principalmente na escola por parte dos próprios colegas?

De acordo com o site café com sociologia³ o *bullying*, também interpretado como assédio escolar ainda não possui um termo específico consensual no Brasil, sendo o termo em inglês *bullying* constantemente utilizado. Todos os dias, crianças e adolescentes sofrem algum tipo de violência nas escolas do Brasil e, vem ganhando força nos últimos anos, de acordo com estatísticas do IBGE 2021 a prática do *bullying* ainda é uma realidade no Brasil.

De acordo com o levantamento, aproximadamente 23% dos estudantes contaram ter sido vítimas da prática do *bullying*, os jovens entre 10 e 21 anos, estão entre os que mais matam e morrem no mundo, e isso ocorre porque muitos não conseguem suportar a pressão de conviver com o *bullying*, praticado em um local que deveria ser de socialização, as nossas escolas.

Em pesquisa realizada com 156 alunos do Centro de Ensino Gonçalves Dias, apontamos no gráfico abaixo que a maioria, 66% dos educandos reconhecem que o *bullying* não é um fenômeno recente, e apesar de muitas discussões sobre o tema 34 % dos alunos ainda acham que é recente.

³ <https://cafecomsociologia.com>. O blog é uma referência no Brasil sobre divulgação acadêmica em ciências sociais, que foi premiado e reconhecido na 7ª Edição do Prêmio Professores do Brasil.

Gráfico 3 - O bullying é um fenômeno recente?



Fonte: Geiza Damasceno. Pergunta aos alunos. Trabalho de campo, 2022.

A falta de organização escolar nos mostra cada vez mais a vulnerabilidade das escolas, das famílias e principalmente da comunidade escolar tendo em vista, ser no ambiente escolar que as crianças e os adolescentes passam grande parte do tempo, apesar desse problema ser antigo, tem aumentado, um leque de problemas não só para os jovens, mas também para a sociedade no geral, pois as deficiências deixadas pela prática do *bullying* ficam como lacunas que dão origem a mais violência, o que para muitos se torna um método de defesa. E apesar de a escola aparentar ser um ambiente seguro, a maioria dos alunos afirmam não se sentirem seguros, por questões pessoais e por fatores ligados a escola, como por exemplo, desentendimentos com professores.

Gráfico 4 - Esta escola é segura para você?

Fonte: Geiza Damasceno. Pergunta aos alunos. Trabalho de campo, 2022.



Dessa forma, por mais segura que a escola seja, ainda assim a maior parte dos alunos, me refiro à 71% deles, em uma pesquisa com 156 educandos, ainda não sentem segurança, enquanto 29% afirmam senti-la, cabe então a escola fazer uma pequena reunião com os educandos para discussão acerca dessa insegurança já que a maioria como mostra o gráfico acima afirmam não se sentirem seguros.

O comportamento agressivo entre estudantes é um problema universal, tradicionalmente admitido como natural e frequentemente ignorado ou não valorizado pelos adultos. Estudos realizados nas duas últimas décadas demonstraram que a sua prática pode ter consequências negativas imediatas e tardias para todas as crianças e adolescentes, direta ou diretamente envolvidos (LOPES NETO, 2005).

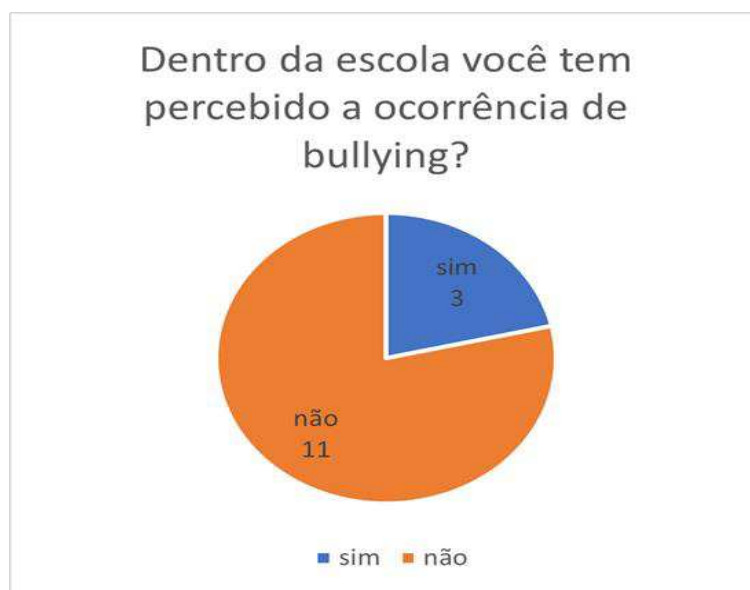
Para Constatini (2004) o *bullying* “é um comportamento ligado à agressão verbal, física ou psicológica que pode ser efetuada tanto individual quanto grupalmente”, com isso o presente projeto busca entender como os alunos percebem o *bullying*. Esse fator chega em todas as classes sociais pelo fato de muitos alunos, no geral terem como referências as suas próprias famílias, por sofrerem violência física ou verbal, a partir disso surge a vontade de humilhar o outro para se sentir mais forte e esconder suas fragilidades emocionais.

Segundo o Ministério da educação (2018), não só o aluno, mas também a escola acaba perdendo por conta do *bullying*, pois os jovens que o sofrem acabam desistindo do meio

coletivo por se sentirem fragilizados e até mesmo excluídos. Há também, os casos em que a vítima, com medo, acaba concordando com o *bullying*, e aceita as provocações por medo de reagir. A prevenção do tal, é de suma importância e necessidade para a saúde pública, para que assim possa se obter uma convivência social sadia e segura para todos, com essa pesquisa buscamos compreender como os alunos se comportam perante o *bullying* na sala de aula, e observa se eles seguem alguma política para lidar com as diversas situações, colocadas no seu cotidiano.

Dentro das escolas os professores, que são quem passam mais tempo com os alunos, necessitam dar mais atenção as ocorrências em sala de aula, e assim poder prevenir o *bullying*. A pesquisa nesta monografia apresentada foi realizada com 14 docentes, onde poucos afirmam que há o fenômeno em sala de aula, no gráfico abaixo podemos observar que somente 3 afirmam perceber tal ocorrência e 11 afirmam que não.

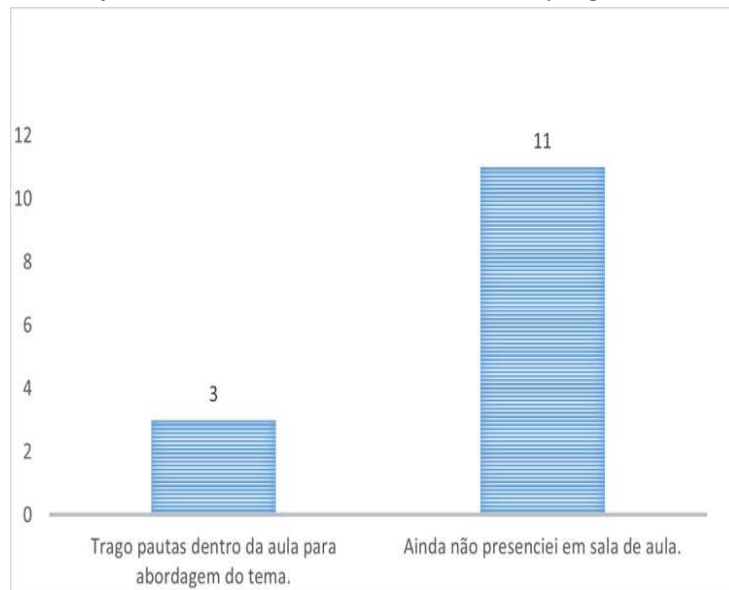
Gráfico 5 - Dentro da escola você tem percebido o bullying?



Fonte: Geiza Damasceno. Pergunta aos docentes. Trabalho de campo, 2022.

Esta pesquisa mostrou que os professores devem ficar mais atentos, uma vez que o *bullying* acontece de todas as formas e quase sempre vem disfarçado como uma brincadeira que apesar de as vezes não parecer, pode interferir no rendimento dos alunos. Os docentes precisam trazer para a sala de aula mais discussões, mais debates sobre a temática, mostrar aos discentes as diferentes faces do *bullying*. Quando questionados sobre essas pautas, de 14 professores, apenas 3 trazem o tema para discussão.

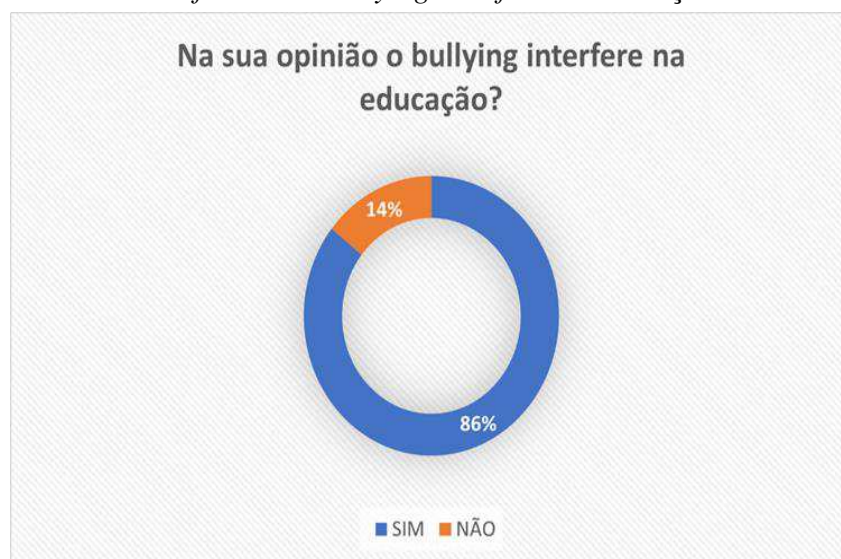
Gráfico 6 - Como você lida com o bullying na sua



Fonte: Geiza Damasceno. Pergunta aos docentes. Trabalho de campo, 2022.

Essa prática pode interferir na educação como afirmam os próprios docentes:

Gráfico 7 - O bullying interfere na educação?



Fonte: Geiza Damasceno. Pergunta aos docentes. Trabalho de campo, 2022.

Assim, precisamos de mais discussões sobre o tema, já que no Brasil, segundo o Ministério da educação, um em cada dez estudante é vítima de *bullying*, o dado foi divulgado pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) 2015. Para a professora Schneider (2015), crianças que têm um perfil mais retraído costumam ser as maiores vítimas. No geral, elas apresentam maior dificuldade para se expressar ou se abrir em casa ou na escola.

O medo de piorar a situação, quando a chantagem costuma fazer parte das agressões, também contribui para o silêncio. A gravidade da questão se confirma por meio de estudos recentes como Diagnóstico Participativo da Violência nas Escolas, realizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) que em 2015, com apoio do MEC, revelou que 69,7% dos estudantes declaram ter presenciado alguma situação de violência dentro da escola.

A preocupação com o fenômeno fez com que o termo *bullying* fosse incluído também na Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PENSE) de 2015, realizada no Brasil, constatou-se que, 7,4% dos estudantes informaram que já se sentiram ofendidos ou humilhados e 19,8% declararam ter praticado alguma situação de intimidação, deboche ou ofensa contra algum de seus colegas. O *bullying* abrange comportamentos com infinitos níveis de violência que vão desde chateações fora de hora até fatos agressivos, de cunho verbal ou não, com intencionalidade e repetitivas, sem algum motivo, e diversas vezes provocados por um ou mais estudantes em relação a outros, causando dor, angústia, exclusão, humilhação e discriminação, entre outros sentimentos.

No dia 6 de novembro de 2016 foi sancionada no Brasil pela então presidente Dilma Rousseff a Lei 13.185 que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática. A lei composta por oito artigos torna a luta contra o *bullying* escolar uma política pública de educação e implementa uma série de ações que visam a erradicar o *bullying*, por meio de campanhas publicitárias, capacitação dos profissionais da educação para lidarem com casos de *bullying* e o diálogo mais estreito entre a escola e a família, em vigor desde 2016, a lei classifica o *bullying* como intimidação sistemática, quando há violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação. A classificação também inclui ataques físicos, insultos, ameaças, comentários e apelidos pejorativos, entre outros.

Segundo Arames Lopes Neto (2005) o *bullying* é mais prevalente entre alunos com idades entre 11 e 13 anos, sendo menos frequente na educação infantil e ensino médio. Portanto, o estudo sobre o *bullying* é importante para se identificarem na escola, os cruéis padrões de beleza e os comportamentos colocados pela sociedade que aparecem como normas. No entanto, um grupo dominante reafirma e colocam esses padrões dentro do ambiente escolar, fazendo assim com que se estabeleça uma regra, ou padrão a ser seguido e tudo aquilo que fuja dessa regra, seja considerado como inferior e digno de sofrimento e exclusão.

Sabemos que as práticas de violências relacionadas ao *bullying* em sala de aula não é uma prática, isso porque sua manifestação ocorre com diferentes papéis de sutilezas, atualmente se tornou mais visível pelo fato de que o mesmo vem acarretando novos problemas

relacionados a questões sociais, esse fator nos remete ao livro de Erving Goffman que trata de diferentes tipos de estigmas relacionados ao eu, ao outro e a todos.

Goffman (1978) “Estigma” está dividido em cinco capítulos, que nos trazem o entendimento de diferentes visões de estigma, perpassando pelo estigma e identidade social, controle de informações e identidade pessoal, alinhamento grupal e identidade do eu, o eu e seu outro e por fim os desvios e seus comportamentos desviantes, o autor utiliza de todos esses conceitos para mostrar que o estigma tem ligação direta com a forma como as pessoas estereotipam uns aos outros.

No primeiro capítulo “estigma e identidade social” o autor traz a visão antiga da Grécia intercalada com a idade média e a visão do mundo de hoje, onde retrata que os gregos buscaram criar o estigma para fins de entendimento, de sinais corporais, no prefácio, o autor mostra que o estigma é a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena o que pode retratar as pessoas que sofrem *bullying*, que por se sentirem incapazes de reagir, acabam por ceder ,ao lugar de não ser aceito socialmente, pelo grupo ao qual está posto.

Segundo o autor a sociedade estabelece formas de julgamento ao outro, passam a categorizar as pessoas por questões de cores, gostos, culturas entre outros, como explica a seguir:

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso (GOFFMAN, 1978, p. 13).

Goffman (1978) então nos retrata a fatalidade de que há atributos que a sociedade constrói que levam ao descrédito, como os preconceitos que a mesma impões ao novo, sem precedências, isso acaba por tornar a população estigmatizada e, segundo o autor ocorre de duas formas: a primeira quando a população acredita conhecer as suas características distintivas e a segunda a que se encontra prontamente, gerando assim a condição de desacreditado ou de desacreditável como diz no texto.

A forma como as pessoas julgam outras não fazem com que as mesmas deixem de serem quem são, apesar das falhas supostamente encontradas pela sociedade não as tornam menos seres humanos que outros, não deixam de serem normais por não seguirem padrões impostos, para o autor cada pessoa deve ser livre para realizarem suas vontades sem se preocuparem com possíveis julgamentos de terceiros.

No discurrir do texto, o autor enumera três tipos de estigmas, sendo eles: as abominações do corpo, culpas de caráter individual e estigmas tribais de raça, nação, religião e

classe. As abominações do corpo refere-se a questão das deformidades que fazem as pessoas se sentirem excluídas pelas condições a que se encontram, isso porque a aparência física para uma grande parte da sociedade, é uma condição de vida; o segundo estigma fala sobre a honestidade de alguns e a fragilidade de outros perante a sociedade, um ser de caráter duvidoso encontra-se condenado a eternos julgamentos; no terceiro estigma retrata a diversidade, as diferentes culturas existentes no mundo, as quais quando se chocam acabam por criar expectativas, uma relacionada a outra.

Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social" - para usar um termo melhor do que "status social", já que nele se incluem atributos como "honestidade", da mesma forma que atributos estruturais, como "ocupação" (GOFFMAN, 1978, p. 12).

Para o autor, quando conhecemos o novo, este nos causa estranheza e pelo fato da sociedade colocar o status social em primeiro lugar, criando assim expectativas que muitas vezes não são sanadas, portanto desencadeando problemas sociais e fenômenos como o *bullying*, que exclui, rejeita, machuca.

O indivíduo estigmatizado pode, também, tentar corrigir a sua condição de maneira indireta, dedicando um grande esforço individual ao domínio de áreas de atividade consideradas, geralmente, como fechadas, por motivos físicos e circunstanciais, a pessoas com o seu defeito (GOFFMAN, 1978, p. 19).

Apesar dos vários preconceitos sofridos as pessoas que se encontram estigmatizadas acabam por tentar mudar sua forma de vida e de ser para se encaixarem dentro dos padrões da maior parte da sociedade, sociedade essa que procura fazer com que ninguém perceba e, assim não haja julgamentos, isso porque as pessoas que possuem deformações são alvo extremos de outros, portanto acabam se adaptando a novas formas de vida, buscando estar cada vez mais engajados com a sociedade como um todo, o que se torna o maior desafio para o estigmatizado é a questão do contato com as pessoas ditas normais.

O autor continua falando sobre o igual e o informado, que ocorre uma discrepância relacionada à identidade virtual e à identidade real do indivíduo, o que afasta o mesmo da sociedade pela questão das diferenças. Já nas carreiras morais, citadas pelo autor no texto, as pessoas que têm um estigma particular tendem a ter experiências semelhantes de aprendizagem relativa à sua condição e a sofrer mudanças semelhantes na concepção do eu, ou seja, das suas realizações pessoais (GOFFMAN, 1978, p.41).

E quando a diferença não se apresenta visível, origina o que o autor coloca como um ser desacreditável, o indivíduo vai buscar a manipulação de informações sobre seu

defeito a fim de tentar entrar em contato com outros indivíduos de maneira menos desconfortáveis, portanto esse indivíduo estará sempre buscando informações sociais, visibilidade e principalmente, a sua identidade pessoal colocadas ricamente pelo autor em seu livro estigma, mostrando suas diversas ramificações, concepções e diferenciações dos três tipos existentes dos mesmos.

Outro autor que nos traz outras visões acerca da violência é o teórico francês Georges Sorel (1992) nos faz refletir a ressignificação do conceito, partindo do pressuposto de apologia ao mito da greve geral da classe trabalhadora, sendo assim o autor destaca que as ideias sobre a violência, no seu tempo, estão pautadas em concepções antigas e não nas condições contemporâneas, no decorrer de seu livro o autor vai discorrendo o papel histórico da violência, buscando sempre afastar as concepções abstratas que as pessoas possuem da ocorrida.

As reflexões acerca da violência trazidas pelo autor, está pautada com raízes que perpassam pelo cristianismo primitivo, pela Reforma Protestante e na Revolução Francesa, dentre outros momentos históricos que ele cita no decorrer do livro, sendo assim seu estudo está voltado para visibilizar a origem da violência em diferentes ambientes, principalmente quando se relaciona com políticas públicas geridas pelo estado.

Alba Zaluar (1992) nos traz o entendimento de que a violência se manifesta de diferentes maneiras na escola e também na sociedade e, destaca ainda que a violência estrutural estará sempre presente no dia a dia dos cidadãos, isso porque a pobreza e a desigualdade, frequentes na vida da população em geral, é um dos principais fatores do aumento de violência.

A autora acima que é referência nas áreas da sociologia e antropologia urbana, bem como nos estudos sobre violência no Brasil, traz essa contribuição afim da compreensão do caminho leva ao aumento da violência, fazendo sempre comparações com outros tipos também, mais que no fim, apesar de abordagens diferentes, sempre tem a mesma finalidade de agressões seja verbal ou física.

1.4. Reconhecendo como o *bullying* acontece em sala de aula.

Atentando a questão pelo qual caracteriza o *bullying* uma forma de comportamento agressivo entre pares, ocorrido principalmente nos períodos da infância e adolescência (Wynne & Joo, 2011) podendo ser definido como todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outros, causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder" (Lopes Neto, 2005, p. 165). Fante (2005) ressalta que, na maioria das vezes, o agressor promove a violência na intenção de tornar-se popular.

Reconhecer o *bullying* em sala de aula é uma tarefa muito difícil, tendo em vista que muitas vezes essas práticas são confundidas com brincadeiras, e, portanto, são ignoradas pelos responsáveis da sala de aula: os professores. O *bullying* está presente em praticamente todas as escolas no mundo (Fante, 2005), e se torna ainda mais visível quando se vê o alto índice de violência em sala de aula por conta do mesmo, a elevada frequência desse fenômeno, associada às diversas consequências negativas acarretadas às vítimas, observadores, agressores, comunidade escolar e sociedade em geral, contribui para que ele seja considerado um problema de saúde pública (Feder, 2007).

Uma investigação desenvolvida em 28 países constatou que cerca de 40 % dos estudantes são intimidados por colegas (Due et al., 2005). No Brasil, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE) demonstrou que 30,8% dos alunos já foram vitimados por *bullying* alguma vez (IBGE, 2009). A percepção da diminuição de segurança na escola, por todos os envolvidos nas situações de *bullying*, pode também gerar nos alunos o movimento de se auto protegerem, em detrimento do de buscarem auxílio nos funcionários e professores para defendê-los das ameaças existentes (Bradshaw, Sawyer, & O'Brennan, 2009).

O que pode acabar por provocar ainda mais os agressores, por tanto surge o medo de denunciar o ato de violência, estudos indicam que o simples medo de intimidação afeta negativamente a autoconfiança e o desempenho escolar e que, em longo prazo, esses efeitos podem ser tão prejudiciais quanto o dano causado por experiências concretas vivenciadas (Mrug & Windle, 2009; Wynne & Joo, 2011). Em questionários aplicados aos 156 alunos para finalidade desta pesquisa no Centro de Ensino Gonçalves Dias apontou-se que:

Gráfico 8 - Você já sofreu bullying?



Fonte: Geiza Damasceno. Pergunta aos discentes. Trabalho de campo, 2022.

Entre os alunos 60% já sofreram com esse ato. No Brasil, estudos sinalizam ser a sala de aula o local de maior ocorrência do *bullying* (ABRAPIA, 2002; CEATS & FIA, 2010; Fante, 2005).

A seguir para uma melhor compreensão acerca do reconhecimento do *bullying* na escola vamos observar que a violência afeta de forma drástica o cotidiano educacional, essa prática sistematizada e repetitiva acaba por gerar novos problemas principalmente relacionados a evasões escolares entre outros, com consequências mais graves, sob a visão de Weber e Bourdieu vamos compreender melhor essa violência que abrange vários aspectos sociológicos. Na realidade, a escola se constitui em um espaço que não é imune às questões que acontecem na sociedade, nela se refletem os problemas com os quais nos deparamos na atualidade e entre estes, se encontra a violência em suas diferentes manifestações. (FANTE, 2005).

Fante (2005) e Guareschi (2008) (apud CEZAR, BARROS, 2008) afirmam que o *bullying* é a forma de violência mais cruel, pois tal nível de agressividade torna suas vítimas reféns da ansiedade e de emoções que interferem negativamente nos seus processos de aprendizagem e convívio social, devido à excessiva mobilização de emoções de medo, de angústia e de raiva reprimida, no entanto aqui entra a participação ativa da família, pois o

contato com a vítima acaba sendo maior. Segundo o autor, o paradoxo da educação se dá pelo fato de que o professor não pode fazer o papel dos pais, o de educar, mas sim ensinar, ele deve exercer seu papel sem levar para o lado parental, portanto na educação sobre o *bullying*, nosso objeto de estudo, aqui discutido, deve ser ensinado primeiramente em casa para que professores possam contribuir e não tentar educar.

2. CONTEXTUALIZANDO A ESCOLA CAMPO

Neste segundo capítulo pretendo responder à seguinte questão: Qual é a disposição estrutural (físico e de relação social) da escola que realizei trabalho de campo? e quais os impactos das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para a educação e o fenômeno do *bullying* no Centro de Ensino Gonçalves Dias⁴? Para responder essas questões procedi ao trabalho de campo e revisei as discussões realizadas no âmbito das disciplinas estágio de gestão escolar e estágios supervisionados 1 e 2 no ensino médio.

2.1 Descrição da estrutura da escola

O Centro de Ensino Gonçalves dias foi a escola escolhida para observar a temática proposta para o desenvolvimento deste trabalho de monografia, cujo tema é *bullying* e educação, essa escolha se deu por se tratar de uma escola referência situada no centro da cidade de Caxias, Maranhão de cunho Estadual, acessível à toda a comunidade, pois ela também é inclusiva, e atende cerca de 250 alunos todos no período matutino, no turno vespertino, o prédio é cedido para outra escola por ser um prédio do Estado, a outra escola cujo nome é Duque de Caxias se encontra em uma extensa reforma.

A escola possui aproximadamente 24 professores e 7 turmas, todas as salas são adequadas à acessibilidade e ao conforto dos educandos; em campo, pude constatar que tanto em sala, quanto na instituição há várias estratégias no que diz respeito a administração e ensino, foi de suma importância conhecer todo o âmbito escolar desta instituição, na qual fui bem acolhida, resalto ainda que a escola é bem gerida, pois todos são como uma grande família.

Ao adentrar a instituição, fui recepcionada pela coordenadora escolar na qual tive o primeiro contato, em seguida mantive vínculos que me proporcionou a chegada até a sala de aula onde pude desenvolver meu trabalho de campo. Tive acesso livre a escola todos os dias da pesquisa, meu primeiro contato direto com a instituição se deu no dia 28 de setembro onde pude finalmente conversar com a gestão e conseguir permissão para adentrar no âmbito escolar.

As entrevistas através dos questionários se iniciaram apenas no dia 10 de novembro para que não atrapalhasse o calendário escolar e as atividades que estavam propostas para os

⁴ Doravante “escola campo” pois a referida escola foi onde realizei meu trabalho de campo para fins de concluir este trabalho de monografia.

alunos, no entanto manteve contato direto com a gestão, coordenação e alguns professores que gentilmente me concederam seus contatos pessoais, para mim foi de suma importância para fins de saber como lidar com as turmas do alunato, tendo em vista que os mesmos estão no período de pós pandemia e se encontram um pouco dispersos das aulas fazendo então com que os professores se adaptem em sala de aula para que possam realizar a passagem do aprendizado de forma que seja bom para ambos.

No meu primeiro dia de pesquisa pude aplicar 170 questionários, sendo que antes fiz uma pequena e breve introdução do conteúdo para deixá-los familiarizados com o assunto em questão, dos 170 questionários aplicados 14 foi para professores, gestores e coordenadores, todos que naquele dia se encontravam na instituição, aos demais dias da semana de pesquisa, me dediquei a observação dos alunos, bem como a conversar com eles entre um intervalo e outro das aulas, mais adiante descreverei o quanto pude me surpreender pois o que vi e ouvi naquele ambiente escolar foi de grande conhecimento para minha formação.

Os dados obtidos na instituição foram de suma importância para o desenvolvimento do meu trabalho, onde pude compreender que o *bullying* não é considerado como caso de saúde pública por nada, esse fator influência de tal forma que perpassa por vários campos e espaços dentro da escola, em muitos casos, acontece de forma silenciosa, nos corredores escolares passando quase que despercebido pelos próprios alunos que o sofrem.

O Centro de Ensino Gonçalves Dias é uma escola estadual da modalidade de ensino médio, sua estrutura tem acessibilidade, é inclusiva pois possui o atendimento educacional especializado – AEE. A instituição de ensino é composta por 7 salas de aulas, sendo cada sala equipada com carteiras que variam de acordo com a quantidade de alunos, ventiladores, lousa e uma mesa com cadeira para o docente.

As salas de aulas são caracterizadas por nomes de pessoas que fizeram parte de alguma forma da história da cidade de Caxias - MA, professores, poetas, romancistas entre outros, todos contribuíram para a educação. No térreo, sendo a sala 01 de atendimento especial (Laura Rosa), sala 02 (Adailton Medeiros), sala 03 (Chagas Junior), sala dos professores (Aída de Almeida Cruz), possuindo 1 extintor no corredor. Já no andar superior, no qual o acesso se dá apenas por uma escadaria e rampa para cadeirante, estão localizados: sala 04 (Cid Teixeira de Abreu), sala 05 (Firmo Freitas), sala 06 (Rodrigo Marques), 07 (Vitor Gonçalves Neto), a escola possui uma boa estrutura para as pessoas cadeirantes, com rampas que dão acesso ao térreo e que levam até a cantina da escola, a mesma tem acesso positivo não só aos cadeirantes, mas também para outros tipos de deficiências, tais como deficiência visual e auditiva, promovendo assim a acessibilidade.

Também fazem parte da estrutura da escola uma área de convivência nomeado de “Carvalho Junior”, dois banheiros sendo no banheiro masculino: 4 chuveiros, 2 pias, 3 repartições com portas e vaso sanitário. Já no banheiro feminino é composto por 4 chuveiros, 3 repartições com portas e vasos sanitários, 2 pias e 1 porta papel higiênico. A soma total de alunato que comporta a instituição de ensino são de 250, sendo 24 docentes, no entanto a escola passava por um momento de contração de professores o que nos relatou a diretora geral, com isso esse número pode chegar a mais de 24 profissionais docentes.

Tendo como ponto de partida o retorno das atividades, após a reclusão devido à pandemia do COVID-19, o cotidiano da sala de aula numa perspectiva docente é cheio de desafios, com foco em prender a atenção dos alunos. Para uma boa gestão democrática em sala de aula é necessário que haja o respeito mútuo e a cooperação, passos essenciais para docente. Quando bem executada e interpretada, o ambiente escolar, e em especial a sala de aula, geram acordos imprescindíveis entre os discentes e os docentes, fator esse que ocorre na escola Gonçalves Dias, pois a gestão está sempre buscando o melhor, tanto para os discentes, quanto para os docentes.

Veiga e D`ávila (2008) salienta que as práticas docentes não envolvem somente um saber específico das disciplinas lecionadas, mas para além dos saberes específico, também são constituídos pelos saberes pedagógicos e os saberes constituídos pelos espaços que existem entre o aprendizado da escola, bem como fora dos muros da mesma. Podemos compreender o exercício docente como uma prática profissional situada e complexa, socialmente produzida e que o professor no âmbito do exercício do fazeres profissional, é um sujeito ativo possuindo a capacidade de ressignificar e intervir nos lócus docentes. (OLIVEIRA; ARAÚJO; SILVA, 2021).

O ambiente escolar, e em especial a sala de aula, é um local de múltiplos acontecimentos que requer do professor e da escola não apenas lecionar uma disciplina escolar, mas também é um local de palco de conflitos como o *bullying* tendo em vista que todos têm vida pós-escola. Em determinadas situações, os problemas externos não são análogos aos que se iniciam dentro da capacitação docente e muitos deles fogem do que se ver no período de graduação. Oliveira et al. (2021), um dos exercícios docentes está também nos saberes constituídos pelos espaços e suas subjetividades vivencias pelo docente ao longo de suas experiências profissional.

As características das salas de aulas são inúmeras, há uma variedade de alunos com suas subjetividades, o que requer do docente uma atenção maior para lidar com os diferentes acontecimentos do cotidiano, no qual muitos podem ser impensáveis pelos próprios professores.

Um aspecto importante a se destacar é que o cotidiano, aqui relatado, se constitui em uma sala no qual sua atividade está pautada no novo ensino médio, que apesar de anunciado caiu como uma “bomba” no ensino público. Sob a Lei nº 13.415/ 2017, que altera as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o chamado novo ensino médio aumenta a carga horária, estabelecendo 60% do currículo para as quatro áreas do conhecimento (Linguagens e suas tecnologias, Matemática e suas tecnologias, Ciências da natureza e suas tecnologias e Ciências humanas e sociais aplicadas), e os outros 40% do currículo fica por conta dos itinerários formativos que são compostos por: Investigação científica, processos criativos, mediação e intervenção sociocultural e empreendedorismo, aumentando assim, o desgaste profissional.

2.2 Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: o Novo Ensino Médio na escola campo e as ações de enfrentamento ao *bullying*

A atual Reforma do Ensino Médio, instituída por meio da Lei nº 13.415/2017, tem como proposta entre outros pontos, reestruturar a agenda da educação integral no Brasil, segundo o ministério da educação no Novo Ensino Médio os professores contribuirão para a construção do projeto de vida dos estudantes, destaca ainda que ocorrerá menos aulas expositivas e mais projetos, oficinas, cursos, e atividades práticas e significativas para que os estudantes possam escolher uma profissão a ser seguida.

A história do ensino médio no Brasil foi alvo de grandes debates tendo em vista que a proposta está perfeita apenas no papel, no entanto, na prática não se aplica e acaba sendo insuficiente. Um dos objetivos do projeto é promover o aumento da carga horária para cumprimento da meta 6 do Plano Nacional de Educação (PNE), que prevê que, até 2024, 50% das escolas e 25% das matrículas na educação básica estejam no ensino de tempo integral e apesar de ser uma proposta que vem sendo estudada a anos não é algo aceito pelos estudantes, pois trouxe a eles ainda mais sobrecargas e muita pressão por decidir uma profissão a ser seguida, isso porque outro de seus objetivos seria garantir a oferta de educação de qualidade à todos os jovens brasileiros, bem como aproximar as escolas à realidade dos estudantes de hoje, o que não vem acontecendo, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade.

Nesse contexto, a prática docente na sala de aula passou por uma mudança, uma vez que os professores devem desenvolver periodicamente projetos com turmas diferentes da mesma série, ou seja, séries diferentes juntas, por conta do novo formato do ensino médio, pois

é dessa forma que o novo ensino médio vem sendo aplicado em algumas escolas que não ensinam em tempo integral, como é o caso da escola na qual realizei a pesquisa de campo, que busca por meio de eletiva de bases suprir a carga horária da nova reforma.

A eletiva de base é uma nova realidade, onde os docentes estão passando por adaptações, tendo como principal desafio a atenção dos alunos, uma vez que estes se encontram um pouco dispersos no “pós-pandemia” da covid-19, fazendo então com que o professor se desdobre ainda mais em sala de aula, com isso o *bullying* na escola ocorre com muita frequência, no entanto ainda é visto em alguns casos como brincadeiras.

De uma forma geral, entre os professores desta escola, ocorre uma queixa de sobrecarga, pois além de darem conta das suas respectivas disciplinas, eles têm que desenvolver os projetos de eletivas, no entanto apesar das queixas, todos dão o melhor de si. É uma escola bem acessível, com bom acolhimento. Em entrevista realizada com a coordenadora da escola, a professora Dulce Helena Teixeira dos Santos, mestra em educação e graduada em pedagogia, pude identificar que o maior desafio da escola estar em pôr em prática o projeto político pedagógico e mais ainda depois da reforma do novo ensino médio, ela continuou dizendo que tendo em vista todas as dificuldades, tentam adequar o PPP, ao cotidiano da escola.

Os profissionais daquela instituição buscam dividir as tarefas, cada um a seu cargo, para que assim não fiquem tão sobrecarregados, e possam participar ativamente da vida dos seus alunos, tendo em vista que os problemas dos mesmos acabam por interferir em sala de aula, como pode ser observado no momento da pesquisa de campo, ademais a escola se desenvolve bem, colocando o aprendizado sempre em primeiro lugar, segundo os profissionais que ali trabalham, bem como os educandos que ali estudam, até minha última visita, a escola se encontra tentando instalar de forma fixa profissionais da área de psicologia para que os estudantes tenham um suporte a mais na instituição e, para que possam dividir com os profissionais suas inquietudes de casa e da escola.

Todo cuidado é pouco, pois se trata de uma realidade complexa e multidimensional. O tema requer um conjunto de medidas, ações integradas e de iniciativas articuladas das implementadas de acordo com um plano. Não há soluções mágicas, mas é possível avançar muito na prevenção desses eventos e na educação para convivência. (ELIAS, 2011 p, 10).

O autor deixa claro que pela dimensão do problema deve ser tratado com clareza e delicadeza porque algumas situações pedem, frieza ainda que as soluções devem ser pensadas pois o mesmo se alastra cada vez mais nas escolas e prova disso são as violências frequentes relacionadas ao *bullying*, tudo por não haver conhecimento suficiente para lidar com tal

situação, a família principal referencia deve interagir em convenio com a escola para que possam desenvolver planos de combates, evitando que as vítimas sofram caladas sem ter a quem recorrer.

Outro grande desafio das escolas é a forma como os professores e funcionários intervêm efetivamente sobre os atos de *bullying*. Além das dificuldades para a identificação, o pessoal pode falhar no uso de recursos apropriados para resolver os conflitos à medida que surgem. (LOPES NETO, 2011, p. 82)

A dificuldade de identificação do *bullying* é um fator que atrapalha na solução deste fenômeno, para que possamos combater-lo é importante primeiro, identificar os casos que ficam ocultos por medo de represálias entre outros fatores que impedem de serem ajudados, por tanto o autor frisa a importância da capacitação dos profissionais no cotidiano escolar, para não permitirem o corte da aprendizagem e para que a escola possa formar cidadãos aptos a lidar com tamanhas situações.

A escola observada, durante o trabalho de campo, já lida com diversas situações que podem gerar *bullying* e pensando no bem-estar dos alunos e no compartilhamento da temática, proporciona pautas, dentro das eletivas de bases impostas pelo governo, com finalidade de completar carga horária do novo ensino médio. Dentro dessas eletivas, a escola busca desenvolver temáticas que aproximem os alunos da escola e assim possam se desenvolver de forma segura, perante esta instituição, dentro das temáticas o estudo sobre o *bullying* mesmo que não tão aprofundado se encontra presente, a fim de buscar a curiosidade dos alunos sobre tal assunto, as soluções básicas para que se erradique o *bullying* das escolas é criando políticas capazes de interferir diretamente no assunto, como frisa o Lopes Neto:

A condição básica para que o *bullying* seja reduzido nas escolas é que sejam adotadas políticas antibullying pautadas no desenvolvimento de um trabalho continuado. Ações que podem ser incluídas no cotidiano das escolas, sem que novas atividades sejam acrescidas à grade curricular, mas inserindo o *bullying* como um tema transversal e permanente em todos os momentos da vida escolar (LOPES NETO, 2011 p. 63).

E, é exatamente isso que a escola Gonçalves Dias proporciona aos seus alunos dentro dos projetos impostos pelo Estado os gestores coordenadores bem como os professores buscam esclarecer os assuntos que interferem diretamente na vida escolar e cotidiana dos alunos proporcionando um bom desenvolvimento do mesmo, isso por que "as consequências da conduta *bullying* afetam todos os envolvidos e em todos os níveis, porém, especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar". (Fante, 2005, p. 79). Seus efeitos negativos como explica o autor pode trazer inúmeros

problemas futuros, dentre eles podemos citar a criação dos filhos, a convivência no ambiente de trabalho e indo mais além, pode acarretar prejuízos para a saúde física e mental por toda uma vida.

Esta pesquisa foi desenvolvida sobre a ótica da pesquisa qualitativa e quantitativa de acordo com entrevistas submetidas através de experiências e diálogos relatados em campo por alunos da instituição, aproximadamente foram entrevistados 157 deles, também entrevistei 10 professores, duas zeladoras, dois gestores e uma coordenadora, presentes na escola Gonçalves Dias, situada na cidade de Caxias-Maranhão. A escolha do local deu-se ao bom funcionamento da escola, que perante os alunos tem uma gestão e coordenação que se preocupa com eles e, apesar de funcionar apenas meio período, tive uma experiência de estágio em gestão escolar onde fui bem recebida, juntamente com outros colegas, em um trio, pude ter a melhor experiência possível e a mais desafiadora, tendo em vista as novas formas de ensino, enfrentamos as mesmas dificuldades os professores também enfrentaram neste período de pandemia, em relação a tentar atrair a atenção dos alunos e ajudá-los com suas atividades.

A direção da escola nos deu acesso livre a escola, pudemos visitar todos os cantos da escola, tiraram todas as nossas dúvidas, além de se colocarem a nossa disposição. A princípio, nosso intuito foi analisar como estava ocorrendo o desenvolvimento da eletiva de base, a nossa participação se deu de forma a ajudar os educandos na construção de paródia que seriam apresentadas no encerramento da eletiva de base, a temática das músicas era cidadania; buscamos também incentivar os mesmos na participação, tendo em vista que os alunos tinham um grande nível de timidez, auxiliamos no possível e concluímos nossa participação ajudando na organização e confecção do mural apresentado na eletiva.

O projeto da eletiva de base “Música e Cidadania”, que ocorria no momento do nosso estágio teve como objetivo mostrar aos alunos através da música as fragilidades da nossa sociedade, temas como feminicídio, meio ambiente, racismo entre outros foram trazidos para que fossem discutidos em sala de aula, no momento da prática podemos contribuir na escolha de músicas para que os alunos pudessem usar sua criatividade na criação de suas próprias músicas, bem como poemas. As maiores dificuldades que encontramos se baseou na dispersão dos alunos que em período de pandemia se encontram meio distante dos estudos, o intuito da eletiva era ligar os alunos a temas atuais de forma dinâmica e harmônica para ambos os docentes e discente. A nossa regência se deu de forma a auxiliar as professoras responsáveis a desenvolver a eletiva de forma prática tendo em vista que por ser algo novo na escola estávamos todos aprendendo.

Contudo, pudemos concluir que o novo às vezes causa medo, por não saber o que vem pela frente, criamos barreiras e dificuldades, no decorrer da eletiva o medo de não dar conta era sempre presente, mesmo com todo o apoio da escola, os professores se sentiam muitas vezes desmotivados, a dispersão dos alunos era tremenda. Apesar de todas as dificuldades tiramos apenas pontos positivos, as professoras conseguiram reverter a situação e conseguiram a participação de alguns alunos, observamos também que o trabalho em equipe foi e é, muito importante, além de aproximar o professor do aluno, também ajuda a quebrar as barreiras do aluno para o professor fazendo com que todos se aproximassem mais. Para a nossa formação, contribuiu de forma significativa, pois tivemos uma ótima experiência de gestão escolar.

E foi com essa experiência de estágio que pude observar que estes alunos necessitavam de grande suporte e principalmente atenção, por tanto esse foi o motivo do desenvolvimento desta pesquisa naquela escola. Para uma melhor compreensão da pesquisa, foi direcionado aos alunos uma pequena palestra sobre o *bullying* como já citado acima, e logo em seguida um questionário foi proposto afim de compreensão dos educandos, me propus também a observá-los, no período de recreio, para analisar seus comportamentos dentro e fora da sala de aula, em conversas paralelas com os educandos, entre uma aula e outra, pude compreender que esse tipo de violência ocorre devido à naturalidade a qual o *bullying* se instala entre os alunos, entre uma brincadeira e outra e também sobre a influência da família que não dialoga com os mesmos sobre esta temática.

Devemos lembrar sempre que pais e escolas deveriam ser parceiros. Cada um com seus princípios educativos. Pais, com coerência, constância a consequência, e a escola com a consequência educativa progressiva são princípios muito próximos a essência, mas complementares na construção da cidadania. (TIBA, 2006 p.148).

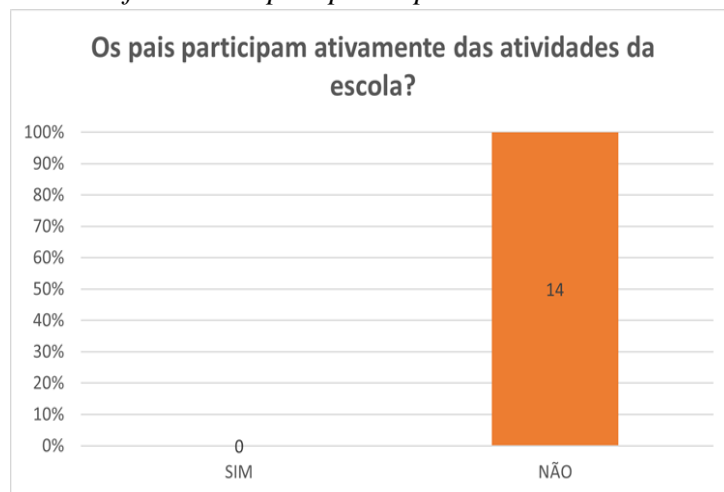
Compreendi também, no ato da pesquisa, que a gestão se impõe para que a escola através das conversas paralelas em sala de aula, assim todos se respeitam o que quer dizer que apesar dos problemas enfrentados pelas escolas, em geral essa está funcionando bem, “o convívio com os amigos é um dos aspectos mais significativos do cotidiano dos jovens, e um dos mais valorizados, mesmo como forma de prazer. É com os amigos que os jovens partilham as suas opiniões, demonstram maior vontade de interação, o que se constitui em um importante papel de integração social” (Fávero Sobrinho, 2010, p.9).

O empenho da escola no combate ao *bullying* em sala de aula é tanto que de 156 alunos entrevistados, poucos não tinham conhecimento sobre a temática, no entanto a grande maioria dos alunos não se sentem seguros naquela escola, e quando em entrevista perguntei se os professores falavam sobre o *bullying* em sala de aula foi quase unanime que não, poucos

comentavam, ou não aprofundaram, tanto pelo fato de enxergarem poucas ocorrências de *bullying* na escola, porém quando parti para a pergunta de auxílio da família nesse combate, me surpreendi, pois além da maioria dos pais não participarem, nem fazerem questão da vida escolar dos filhos, alguns educandos afirmam nem terem família, por tanto friso aqui a importância da escola, bem como uma boa gestão que de uma forma ou de outra busca sempre acolher o aluno em diferentes situações.

Acerca da participação da família eis no gráfico abaixo:

Gráfico 9 - Os pais participam ativamente das

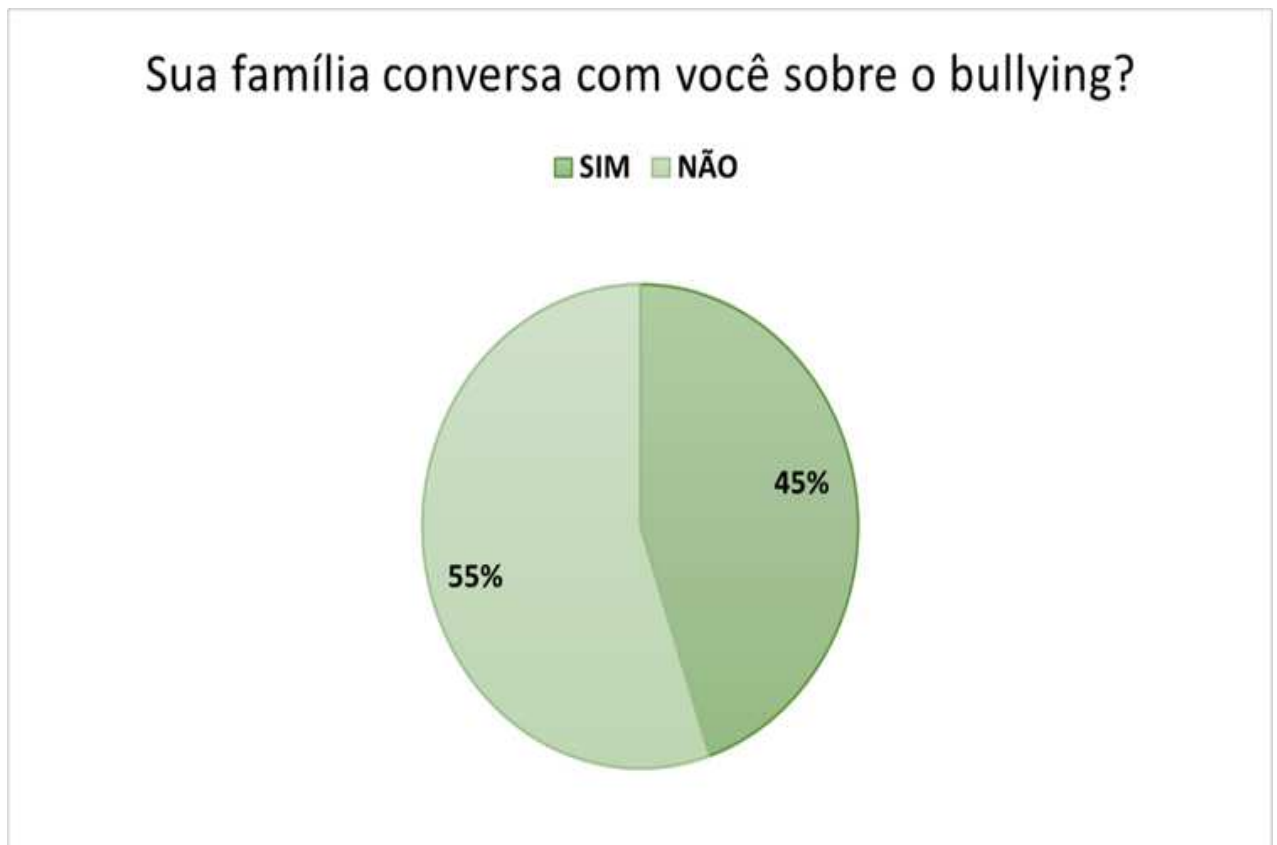


Fonte: Geiza Damasceno. Pergunta aos docentes. Trabalho de campo, 2022.

Foi unânime que “não”, muitos alunos comentaram que suas famílias não demonstram interesse pelo que se passa dentro da escola já que para alguns pais, dentro da escola os alunos são responsabilidades apenas da gestão e dos professores, quando deveriam trabalhar em conjunto para o bem dos educandos.

Com esse apontamento trouxe o questionamento acerca do diálogo da família com os alunos sobre o *bullying* e o resultado foi que de 156 dos entrevistados, apenas 55% afirmaram que sim, porém não em convenio com a escola, apenas em casa e de forma bem breve. O que mostra o gráfico:

Gráfico 10 - Sua família conversa com você sobre o bullying?



Fonte: Geiza Damasceno. Pergunta aos alunos. Trabalho de campo, 2022.

Por esse fator, é de suma importância que a gestão busque não só acolher os alunos mais também tentar trazer a família para o ambiente escolar com a finalidade de unir forças para o combate ao *bullying*, e assim os estudantes passariam a ter um maior auxílio em relação a temática abordada, por tanto essa fusão entre escola e família precisa ocorrer, fusão que só existe se a ação revolucionária é realmente humana, por isso, simpática, amorosa, comunicante, humilde, para ser libertadora” (Freire, 2005 p. 197), ou seja, o aluno deve se sentir seguro para o diálogo, tanto em casa, quando na escola, precisa ter liberdades de expressões para se desenvolver melhor e saber como lidar com *bullying* se assim o ocorrer.

Na referida escola, ainda que sejam poucos os casos registrados de *bullying*, pelo fato do combate ser eficaz, o maior índice encontra-se nas salas dos primeiros anos onde também, há em algumas situações a falta de compreensão sobre o assunto, há relatos de que já sofreram *bullying*, no entanto não sabiam que aquela brincadeira sem graça, repetitiva era o referido, por tanto este estudo colaborou também para levar aos educando um pouco de aprendizado sobre o conteúdo mencionado, além de colaborar também para uma análise do que acontece entre as quatro paredes da sala de aula.

Dentro das entrevistas realizadas pude compreender, segundo algumas falas dos estudantes que, apesar do *bullying* não ser um fenômeno recente ainda é desconhecido para alguns, a cada 10 (dez) estudantes entrevistados, 2 (dois) não conseguem diferenciar o mesmo de brincadeiras, fazendo com que passe despercebido, porém deixando rastros, como afirmam alguns estudantes que não quiseram se identificar.

Estudante Y⁵ afirma:

Então eu chorei, fiquei deprimida, me sentia inútil pois eu acreditava no que eles falavam.

Estudante X relata:

Quando descobri que era bullying eu sofri muito, entrei em depressão por causa disso.

Estudante Z relata:

É uma reação de vergonha e medo principalmente quando se trata de pessoas próximas a mim...

A estudante Z em questão relatou que o *bullying* partia da sua própria família e que a situação era constrangedora e muito repetitiva, fazendo com que a mesma chegasse a sair de casa para que pudesse se sentir melhor. Nesta pesquisa, 144 estudantes afirmaram ter sofrido *bullying*, depois do esclarecimento acerca da temática, esses acontecimentos foram relatados que ocorriam principalmente em casa e na escola, no entanto passava despercebido, pois era relevado como meras “brincadeiras sem graça”. Alguns passaram por traumas tão grandes que optaram por não comentar, por ser, segundo os alunos, algo que machucava.

Algumas ocorrências causaram traumas que é carregado e lembrado pelos estudantes como mágoas que não se apagam, como relata a estudante V quando sofreu *bullying*:

No momento me senti muito mal e até hoje tenho insegurança com meu corpo, meu sorriso e até mesmo com minha aparência.

Eis aqui no trabalho em questão alguns dos depoimentos que foram me chamando atenção, entre outros que não me permitiram citar, tem a ocorrência de jovens que julgam nem ter família e que por tanto, não tinham a quem recorrer com questões relacionadas a temática, por conta dessas ocorrências, a escola estuda uma forma de manter um profissional fixo, um psicólogo, na instituição para que assim os educandos aprendam a lidar com seus traumas.

⁵ Por respeito e pela idade dos alunos, seus nomes não serão identificados e serão referidos às siglas alfabéticas.

2.3 A escola como arena de conflitos: *bullying* e educação

Para Pigozi (2018) são muitos os conflitos existentes dentro do ambiente escolar, principalmente em relação ao *bullying*, a autora começa explicando que os adolescentes vítimas de *bullying* usualmente se sentem impossibilitados de pedir ajuda, esse fator se dar pelo fato de muitas vezes a vítima não compreender que estar sofrendo *bullying* e acaba entendendo como brincadeira, esse pensamento ocorre mesmo que a vítima sofra pelas ofensas ou até mesmo agressões sofridas, a construção do cuidado direcionada ao adolescente, vítima de tal agressão, consiste em uma tarefa complexa, já que estamos lidando com um problema que afeta diretamente a saúde física e mental dos escolares.

Ela segue ainda dizendo que o emocional é um fator crucial para o abate dessa violência, considerada por muitos autores como o mau do século, bem como um assunto de saúde pública. Partindo do pressuposto de acolhimento dentro da escola a autora especifica que uma gestão responsável perante o *bullying* deve se aliar a família dos educandos bem como participar de forma direta da vida dos alunos dentro da escola e se possível fora dela também, isso porque para o acolhimento a vítima de *bullying* é necessária se compreender o que e quem a afetou e, o mais importante de que forma a mesma foi afetada, por tanto essa cartografia tecida pela autora, descreve que o cuidado subjetivo tecido pelas mãos dos variados pontos de suporte de sua comunidade é protetivo, porém varia entre situações e pessoas, mas também foi considerado frágil o acolhimento bem como descompassado, ela ressalta ainda que precisa haver mudanças conjuntas e aliar escola e família para um bom desempenho individual e coletivo.

São inúmeros conflitos que podem ocorrer dentro da escola, dentre eles podemos destacar as brigas de professores com pais de alunos, os alunos que brigam com os professores, as discussões internas de gestores e professores, e até mesmo de pai com os filhos dentro do âmbito escolar, há também discussões entre os próprios alunos, agressões físicas e verbais entre outros, fazendo assim com que a escola se transforme também em arenas que ressaltam ainda mais a violência escolar, partindo do pressuposto do cotidiano escolar.

Pude compreender então que a escola pode ser palco para vários conflitos internos e externos, perpassando por brigas, disseminação, comentários maldosos, e até agressões físicas e psicológicas entre outras expostas. As brincadeiras que antes eram consideradas de mal gosto hoje têm nome e chama-se *bullying* um fenômeno que vem ganhando cada vez mais destaque e que infelizmente em muitos casos ainda passa despercebido sendo muitas vezes minimizados pela própria vítima em questão.

Segundo Cleo Fante, no livro “Fenômeno *Bullying*: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz” (2005):

Os atos de *bullying* entre alunos apresentam determinadas características: Comportamentos deliberados e danosos, produzidos de forma repetitiva num período prolongado de tempo contra uma mesma vítima, apresenta uma relação de desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima, não há motivos evidentes, acontece de forma direta, por meio de agressões físicas e verbais, de forma indireta, caracteriza-se pela disseminação de rumores desagradáveis e desqualificastes, visando à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social.

Portanto, podemos compreender que são muitas as características ligadas ao *bullying*, no entanto todas tem a mesma finalidade ofender, magoar, excluir e promover a violência de forma repetitiva e como diz o autor em um período prolongado, a imposição de poder de uns alunos para com os outros acaba virando um tipo de obsessão fazendo assim com que esses atos ocorram com cada vez mais frequência.

Durante minha estadia para pesquisa na escola, observei vários conflitos entre os alunos, alguns por conta de sua identidade, outros conflitos internos trazidos de casa para a escola, conflitos esses que de certa forma atrapalham no aprendizado pois os educandos acabavam desanimado para as aulas, ouvi relatos de alunos que diziam preferir a morte a permanecer em casa e que ao fim de cada aula, ficava vagando pelas ruas afim de evitar um encontro com a família, observei ainda pessoas que lutam contra a depressão por conta do *bullying* sofrido, apesar de não ter sido registrado nem uma ocorrência de *bullying* severa na escola os alunos alegam sofrerem com esta violência fora do ambiente escolar, mais que infelizmente, acabam sendo afetados dentro dela, uma vez que estes conflitos é interno e permanece na mente deles.

Cabe aqui destacar alguns depoimentos colhidos no ato de entrevistas, cuja pergunta era a seguinte: Caso tenha sofrido *bullying* qual foi sua reação?

Estudante A, relata:

O bullying é normal, sofrer e depois seguir em frente.

Para ele(a) aluno (a), o tal já está tão naturalizado no seu meio que acaba virando algo banal e assim ele vai passando despercebido entre os alunos.

Estudante B, discorre que:

Antes sentia vergonha, hoje vejo que não me agrega em nada e ignoro.

Mais um relato de que o *bullying* está se naturalizando entre os educandos, vale ressaltar que por ser ignorado não quer dizer que não exista.

Estudante C destaca que:

Foi uma reação que quase nem acreditei mais no fundo já era de se esperar, porque hoje em dia tudo as pessoas criticam e colocam defeito, ainda sofro com isso pela minha escolha de gênero.

A estudante em questão relatou ainda já ter sofrido muitos xingamentos partindo até mesmo da sua família e que apesar do *bullying* não acontecer em sala de aula, já está indo para escola como medo dos olhares dos colegas em sua direção, pois segundo ela, a sua própria aceitação foi difícil e agora tem que lidar com a rejeição de muitas pessoas, alegou ainda que pensou em tirar a própria vida, no momento em que nem ela mesmo se reconhecia, o preconceito e desprezo que vinha principalmente de sua família, era o que mais machucava, pois imaginava que ali teria suporte, no entanto se decepcionou; esse relato foi dito em um momento de intervalo nos corredores da escola, um depoimento que me chamou muita atenção, pois apesar de tanto sofrer, a aluna conseguiu se reerguer e tenta fazer com que as pessoas a aceitem como ela é.

Estudante D, também se retrata a família:

Fiquei em choque, sem reação, porque não é todo mundo que sofre bullying da sua própria família, por isso já decidi que não tenho família nem quem me apoie, somente deus e a escola, de vez enquanto quando procuro.

Apesar desse depoimento forte, em relação ao sentimento colocado nele, este aluno (a) ainda continuou e segundo suas palavras, prefere as ruas a sua casa, pois na rua se sente mais acolhido e que os “estranhos” (se referiu a escola), os davam mais valor, e que lá se sentia bem. Portanto, podemos observar aqui, algumas das várias situações que transformam a escola em uma arena de conflitos internos e externos e que acabam atrapalhando no ensino aprendizado, com tudo isso os alunos entre outros que não foram citados, acabam se sentindo

desmotivados. Segundo a gestão, se encontram bem atentos para que os alunos sejam bem assistidos.

Crochík (2011) *et all.* Ressaltam que a violência presente no *bullying* deve ser identificada por quem passa mais tempo com os alunos, vale ressaltar que as mesmas ocorrem não só no ambiente escolar, assim como também não se reduz às motivações individuais das crianças e adolescentes envolvidos, cabe também a família buscar por respostas, observar seus membros para que assim os mesmos também possam intervir, os autores nos trazem também que há dois tipos de dimensões relacionado ao fenômeno, a individual e a institucional, que por sua vez participam de modo importante na produção desse modo de violência, de forma a impulsionar a mesma.

Isso é refletido no modo como a sociedade ver as formas de violências ocasionadas pelo *bullying*, muitas vezes as vítimas são motivos de chacotas por pessoas que não entendem aquela prática, segundo os autores, na nossa sociedade, a apologia da força, quer física, quer intelectual, é infelizmente visível, e o que mais traumatiza é o medo por conta da intimidação presente no *bullying*, fazendo com que as vítimas não busquem soluções para seus problemas. Ainda, segundo os autores análise já empreendida das concepções dos dirigentes escolares, ou seja, dos gestores, no que diz respeito ao fenômeno *bullying nos permitir* concluir que ocorre sim articulações para que essa prática seja combatida.

Vale ressaltar ainda que hoje a internet pode ser uma forte aliada no combate ao *bullying* isso porque o acesso a informações, bem como ferramentas expostas, podem auxiliar na interação de forma ampla e sem discriminações e exclusões, há outras formas de inibir o *bullying* em sala de aula, bem como na escola, podemos destacar uma das ferramentas utilizadas hoje em algumas escolas, de Caxias maranhão, a instalação de câmeras por toda a escola na tentativa de inibir os agressores, e por consequência protegendo as vítimas.

3. ANÁLISE SOBRE O ENFRENTAMENTO AO *BULLYING*: O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NO PROCESSO EDUCATIVO

Neste terceiro capítulo analisarei a seguinte questão: Qual a importância do acolhimento à vítima de *bullying* e qual o papel da família e escola no combate a essa violência? Para tanto, faz-se necessário compreendermos a diferença entre brincadeira e violência, assim como entender como o *bullying* acontece na escola.

3.1 A diferença entre brincadeira x violência

Durante minha observação no horário de recreio identifiquei que há a ocorrência de *bullying* nos corredores, no entanto, passa despercebido e embalado por brincadeiras e no fim acabam todos rindo juntos, com isso não se identifica o *bullying* dentro da escola, pois neste caso não chega à ocorrência nem para os professores e muito menos para a gestão da escola. A gestão da escola é muito participativa no cotidiano escolar e prestativa no surgimento de alguns problemas, por tanto pude notar que a gestão consegue manter a ordem escolar, uma vez que gestores, professores e coordenadores vivem o cotidiano escolar como uma grande família que se encontra apostada para qualquer e eventual problema que possa ocorrer.

Compreender a grande diferença que há entre brincadeira e a violência *bullying* é um debate intenso e complexo. Em relação à escola, agressores e vítimas se encontram no mesmo ambiente e as brincadeiras paralelas nos corredores acabam por gerar desconforto que poucos identificam como *bullying*.

A prática de *bullying* é cada vez mais presente na sociedade e se estende para fora dos muros escolares o que ressalta a importância também da família nesse combate, segundo as autoras a sociedade contemporânea tem apresentado uma configuração na qual, muitas vezes é mal interpretada por muitos, gerando assim o desconforto do estranhamento, culminando cada vez mais vítimas.

Com isso podemos concluir que é um problema público que afeta a todos, no entanto aborda principalmente a fase da adolescência por falta de instruções ou até mesmo caráter individual, portanto o *bullying* vem crescendo com inúmeras formas de agressões, cabendo não só a escola, mas a todos que participam do cotidiano do estudante, em geral, auxiliar no combate desse fenômeno.

As autoras explicam que a brincadeira só é saudável quando todos se divertem de forma conjunta, isso porque quando a mesma é saudável não vem a causar sofrimentos e tão

pouco constrangimentos, com isso para que se diferencie brincadeira de *bullying* é necessário perceber se todos estão interagindo de forma amigável enquanto brincam ou passam tempo, pois quando ocorre a prática do *bullying*, nem todos estarão na mesma interação.

O *bullying* se caracteriza por violências repetitivas e vem disfarçado com brincadeiras quando um colega usa de xingamentos verbal ao outro, um empurrão seguido da frase “é brincadeira”, apelidos pejorativos, constrangimento público entre outras formas de disfarces acerca do *bullying*, entretanto a maneira mais objetiva de se diferenciar o *bullying* de brincadeira é perceber que apenas o agressor se diverte, enquanto a vítima sofre, quando se é brincadeira ambas as partes de encontram na brincadeira e ninguém se machuca.

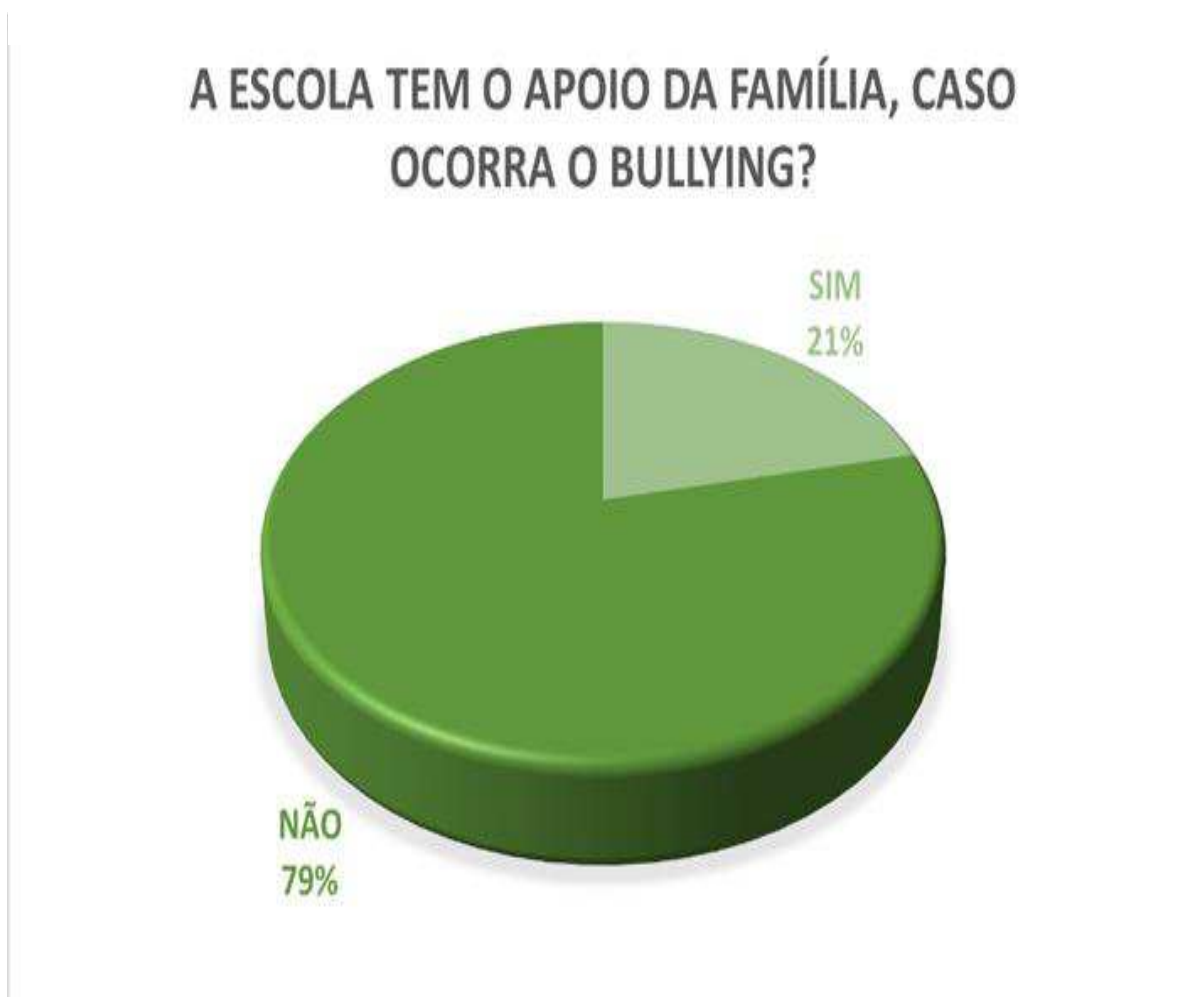
3.2 A ocorrência do *bullying* entre os alunos do Centro de Ensino Gonçalves Dias

Baseado nos dados coletados durante o trabalho de campo foi possível constatar que a frequência do *bullying* não chega até a diretoria. Os problemas são resolvidos em sala de aula pelos professores e por esse motivo a escola não tem um projeto mais efetivo voltado para essa temática, pois as ocorrências oficiais são pequenas, no entanto, mesmo não tendo um projeto voltado especificamente para o *bullying*, a escola se preocupa com o bem estar dos alunos em relação ao seu psicológico, tendo em vista o pós pandemia que de certa forma desacelerou os alunos, e por tanto a escola busca o auxílio de psicólogos para que assim, possa suprir as carências dos alunos.

Pude constatar também, que a maioria dos alunos que alegaram sofrer *bullying* de forma mais grave, foram fatos ocorridos fora da escola e tendo como principal autores suas famílias, que baseada na pesquisa de campo não interagem de forma alguma com a escola nas atividades escolares, os gestores afirmam que a procura das famílias pelo desenvolvimento dos filhos não existe e acaba por desencadear problemas maiores, como exemplo a falta de interesse de muitos alunos por falta de uma cobrança maior da família, decorrente a isto, a participação de seus filhos acabou por se tornar uma constante preocupação na escola, pois a interação é pouca e despeças.

Os lugares que os alunos mais alegaram sofrer *bullying* foi exatamente nos corredores da escola, nas brincadeiras ditas inocentes, outros relatam que sofrem em casa e que saem perturbados para escola, chegando muitas vezes a descontar nos colegas por se sentir mal, com isso explica-se o gráfico abaixo:

Gráfico 11 - A escola tem o apoio da família no caso de bullying?



Fonte: Geiza Damasceno. Pergunta aos docentes. Trabalho de campo, 2022.

Durante minhas observações, nos momentos de recreação, percebi que este é o momento de maior ocorrência de *bullying* na escola, vale ressaltar que por considerarem brincadeira passa despercebido, alguns alunos chegam a relatar que não sabem o que é o *bullying*, portanto não reconhecem quando o sofrem, apesar de todas as conversas que os professores promovem através de pautas em sala de aula, ainda assim alguns alunos relatam não saber o que é *bullying*.

Outros alunos me relataram que a saída da escola também é um dos locais que sofrem *bullying*, principalmente aqueles alunos que alguns pais deixam e pegam na escola, voltando aos corredores da escola, os momentos de recreação que deveriam ser de diversão e descontração é um dos maiores palcos do *bullying* e mesmo muitos não levando a sério, poucos sofrem e levam para casa aquele desconforto de não entender o porquê, é o que discorre um

aluno da instituição que apenas por usar óculos é xingado, apelidado entre outras ofensas que sofre.

3.3. Sobre o acolhimento às vítimas de *bullying*: o papel da família e escola no combate a essa violência

O papel dos gestores, coordenadores e professores desempenhados naquela instituição é de suma importância para o desenvolvimento dos alunos e para se sentirem também acolhidos pela escola, tudo isso se torna uma base para se criar um combate eficaz ao *bullying*, caso venha a ocorrer naquela instituição, e entender a ação de quem pratica e quem sofre o mesmo. Os principais problemas encontrados durante a pesquisa foram casos que não ocorreram dentro da escola, no entanto vale ressaltar que afetaram de forma grave aos alunos que as descreveram, chegando ao extremo de alguns tentarem tirar a própria vida, por não se sentirem capazes de fazer nada, e por influências de outras pessoas, devido ao grande sofrimento que foi para esses alunos, os mesmos optaram por não entrar em mais detalhes e nem mesmo serem identificados quando procurados para uma entrevista.

Vale ressaltar que foi o aparato e acolhimento dado pela escola que fez com que esses alunos se reerguessem, a boa relação que a coordenação da escola e a gestão como um todo tem para com os alunos foi muito importante nesse momento de desilusão dos mesmos, alguns dos alunos com problemas me afirmaram, sem se identificar, que a única família que eles tem é a da escola e que ficam tristes quando chega a hora do retorno para casa, pude observar que o emocional desses alunos se encontrava muito fragilizado e os professores em sala fazem o possível para extrair algo de bom para que eles se sintam bem na escola.

Apenas uma professora, dos vinte professores entrevistados, alegou lidar com um caso de *bullying*, no entanto, ela mesmo conseguiu positividade em resolver, as partes envolvidas foram chamadas para conversar, para que pudessem ter o conhecimento de que aquele *bullying* sofrido poderia ocasionar, o assunto foi resolvido, não precisando então chegar a direção, que por sua vez, afirmou se caso acontecesse ocorrências de *bullying* na escola, imediatamente seriam criados projetos para que se combata o problema.

Mesmo com todo o aparato da escola, ficou evidente que de todos os alunos entrevistados, a grande maioria não encontra problemas na escola, mas os trazem de casa para que lá os resolvam, portanto a gestão lida não só com problemas da escola, mas também com os que os alunos os trazem de fora, pois estes podem afetar o aprendizado já que está ligado à realidade cruel de muitos estudantes, denotando as ações da escola em relação ao conhecimento

da veracidade de alguns casos, tornam evidente o trabalho da direção da escola de comprometimento com os educandos bem como os professores. Contudo, é de grande importância, que os alunos também contribuam para que a escola em geral tenha um bom desenvolvimento e possa assim suprir a necessidade de todos os alunos.

Vale ressaltar que é sempre importante estar atento, pois o *bullying* acontece em todo lugar, portanto esse não é só um problema da educação, mas também da sociedade em geral, isso porque esse mal deve ser cortado e prevenido para que a própria sociedade não sofra com suas consequências, enxergar que nem toda brincadeira é normal já é um passo para que se diferencie e se identifique o *bullying*. “A comunhão provoca a colaboração que leva a liderança e massas àquela ‘fusão’ a que se refere ao grande líder recentemente desaparecido. Fusão que só existe se a ação revolucionária é realmente humana, por isso, simpática, amorosa, comunicante, humilde, para ser libertadora.” (Freire, 2005 p. 197), portanto é necessário que haja a colaboração de todos, principalmente no que diz respeito a família seja ela escolar ou não.

O *bullying* é uma atividade consciente, desejada e deliberadamente hostil orientada pelo objetivo de ferir, induzir o medo pela ameaça de futuras agressões e criar terror. Seja premeditada ou aleatória, óbvia ou sutil, praticada de forma evidente ou as escondidas, identificada facilmente ou mascarada em uma relação de aparente amizade, o *bullying* sempre incluirá três elementos: desequilíbrio de poder, intenção de ferir e ameaça de agressão futura. (COLOROSO Apud ROLIM, 2008, p.14), com isso cabe a intervenção de todos, pois isso está diretamente ligado ao número de violência que vem aumentando cada vez mais principalmente dentro das escolas.

Fonte e Pedra (2008), no livro *bullying* escolar, perguntas e respostas nos trazem a diferenciação de brincadeira e *bullying*:

As brincadeiras acontecem de maneira natural entre as pessoas. Elas brincam, “zoam”, colocam apelidos umas nas outras, dão risadas e se divertem. Porém, quando essas brincadeiras ganham requintes de crueldades, de perversidade, de “segundas intenções” e extrapolam os limites suportáveis [...] quando uns poucos se divertem à custa de outros, que sofrem não se trata de mais de simples brincadeira, e sim de um ato de violência. (FANTE e PEDRA, 2008, p.38).

Cabe observar em que momento as brincadeiras mudam sua postura, quando há sofrimento se identifica o *bullying*, em se tratando do ambiente escolar, brincadeiras paralelas são inevitáveis e a observação deve ser redobrada, principalmente nos momentos de recreação, pois ao mesmo tempo em que essas brincadeiras promovem, entre os alunos a socialização,

podem promover também, diferentes tipos de violências, de acordo com Silva (2015) vivemos “segundo as normas sociais que oprimem e discriminam a diferença marcada no corpo, sendo que essa discriminação opera mediante a desqualificação do outro”. (NASCIMENTO e DELMONDEZ apud SILVA, 2015. p.4). Com esta afirmação, podemos concluir que quando o novo não é aceito pela maioria acaba por gerar desconfortos que chegam ao extremo da violência.

As atividades propostas pela escola em relação ao *bullying* são as pautas colocadas nas eletivas de bases impostas pelo estado, a escola fora isso contava com o apoio de uma psicóloga que se aposentou e até então, não foi substituída, o combate ao *bullying*, portanto, na escola se dar com estas pautas, atividades voltadas para a prática, atividades essas propostas pelos professores em aula, diálogos e debates acerca da temática, tendo como finalidade principal o bem estar e convívio dos alunos, os projetos voltados diretamente a esta temática, ainda não existem, porém permanecem atentos e caso haja, será desenvolvido imediatamente segundo o gestor.

Gráfico 12 - A escola cria projetos de combate ao bullying?



Fonte: Geiza Damasceno. Pergunta aos discentes. Trabalho de campo, 2022.

Estes dados se deram pelo fato da não ocorrência dentro da escola de casos mais severos do *bullying*. Ao perguntá-los sobre a participação da família no cotidiano escolar, fiquei surpresa ao perceber que a família, de forma alguma, interage com a escola, se limitando apenas a deixar e pegar os filhos na escola, em alguns casos, vale ressaltar que esse afastamento se dar no espaço para a violência, e faz com que o aluno não se dedique mais, pois não tem cobrança por parte da família. Silva e Borges (2018) discorrem que a família tem um dos principais papéis de combate ao *bullying*, cabe a elas preparar os alunos caso venham a sofrer esta prática.

Os autores seguem ainda dizendo que o *bullying* causa sérias consequências as vítimas e as famílias caso não seja combatido, cabe ressaltar que o enfrentamento do *bullying* envolve uma parceria contínua entre os pais e a escola, e quando esta parceria não existe se torna inviável, a família são os pilares fundamentais na construção de valores, e por tanto devem possuir uma responsabilidade essencial para o desenvolvimento do educando, e assim compreender e auxiliá-los.

Segundo Silva (2006) e Chalita (2008) acreditam que os pais têm estado cada vez mais ausentes na criação dos filhos e tem delegado o dever de educar, à escola. Por esse motivo, muitos jovens desprezam a família e acabam se afastando ainda mais, impossibilitando o diálogo entre ambos, isso acontece porque em muitos casos as famílias acabam por ignorarem os sentimentos dos filhos, se prestam a tudo, menos a ouvi-los, a proximidade é de suma importância para que os alunos sintam segurança para se expressar e assim poder evitar problemas futuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de esclarecer a relação entre *bullying* e educação na escola, parti do pressuposto de identificar como a escola lida com o combate ao *bullying*? E quais as consequências ocasionadas por ele em relação a educação? Esta pesquisa teve como finalidade identificar casos de *bullying* dentro da escola, no entanto a escola escolhida para a pesquisa afirma que não há ocorrências dentro dela de forma severa, e que as maiores dificuldades encontradas são as questões impostas pela pandemia com as aulas remotas, isso porque a escola precisa prestar assistência a todos de forma igualitária, para isso precisaria contar com a participação ativa dos pais na vida escolar dos alunos, coisas que não acontece nesta instituição de ensino, ainda assim a escola segue tentando esta aproximação.

Com o retorno às aulas presenciais a adaptação dos alunos se encontra de forma lenta, constatei também, que nesse retorno houve muita evasão escolar, principalmente por conta do novo formato do ensino médio que assustou alguns alunos levando-os a desistência para trabalhar.

Sob a Lei nº 13.415/ 2017, que altera as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o chamado novo ensino médio aumenta a carga horária, no qual estabelece 60% do currículo para as quatro áreas do conhecimento (Linguagens e suas tecnologias, Matemática e suas tecnologias, Ciências da natureza e suas tecnologias e Ciências humanas e sociais aplicadas), e os outros 40% do currículo fica por conta dos itinerários formativos que são compostos por: Investigação científica, processos criativos, mediação e intervenção sociocultural e empreendedorismo, aumentando assim o desgaste profissional.

A pesquisa contribui de forma satisfatória para o desenvolvimento deste trabalho, tive o acolhimento da escola e pude fazer com que chegasse a gestão que ocorre sim o *bullying*, porém em forma de brincadeiras que não deixa nem uma das partes afetadas porque tudo termina em risada; os objetivos do trabalho foram atingidos, e mediante a pesquisa pude observar inúmeros fatores que podem acarretar a violência, em consequências no cotidiano escolar, quando não se tem uma boa administração por parte da escola, a autoridade dos gestores professores e coordenadores é respeitada e esse é o principal ponto de partida para uma boa relação como diz Cury (2013), “O diálogo é a ferramenta educacional insubstituível. Deve haver autoridade na relação pai, filho e professor aluno, mas a verdadeira autoridade é conquistada com inteligência e amor”.

Para uma boa gestão democrática em sala de aula é necessário que haja respeito mútuo e a cooperação são passos essenciais para docente. Quando bem executada e interpretada, o ambiente escolar, e em especial a sala de aula, geram acordos imprescindíveis entre os discentes e os docentes, e é exatamente isso que a escola Gonçalves Dias busca para com seus alunos, o respeito por meio de diálogos e amor. No momento, por não haver ocorrências graves de *bullying* na instituição, o conteúdo acerca do mesmo vem por meio de pautas nas eletivas de bases, uma nova realidade que os docentes estão passando por adaptações, tendo como principal desafio a prisão da atenção dos alunos, as mesmas são atividades desenvolvidas por várias turmas reunidas e com a duração de seis meses, cada eletiva tem variações de temas e funciona como oficinas para que os alunos escolham aquela que mais desperte a sua atenção, sendo então obrigatório, pois esse fator completa a carga horaria do novo ensino médio.

O conteúdo acerca do *bullying* que vem por meio das pautas das eletivas de bases tem como intuito alertar os alunos das consequências que o mesmo pode ocasionar, pode concluir que apesar da escola não possuir projetos de combate, se encontra bem alerta ao tema e aos alunos para evitar possíveis ocorrências, por meio de palestras, músicas e até apresentações teatrais a escola busca trazer essa temática para visibilidade e por tanto, talvez este seja o fator colaborador para a baixa ocorrência de *bullying* na instituição.

Contudo, pude compreender o quanto é difícil educar, pois além de lidar com os problemas escolares, cada aluno tem sua individualidade e seus problemas que na maioria das vezes afeta o cotidiano escolar, fazendo então com que os professores busquem alternativas para lidar com determinadas situações, hoje o *bullying* é um assunto de saúde pública mais antes era considerado um tabu e ainda era ignorado e mascarado, passava despercebido, embalado em brincadeiras com consequências graves. Notei ainda, que na escola campo de pesquisa esse assunto está sempre em pauta para que não passe despercebido e apesar da mesma atuar apenas no turno matutino o apoio e acolhimento dado aos adolescentes que ali estudam é gigantesco, mesmo não contando com a colaboração da família dos educandos, a escola se torna para eles um elo entre educação e acolhimento.

Durante a pesquisa, apesar de uma pequena parcela dos alunos entrevistados não possuírem conhecimento sobre o *bullying*, foi possível identificar um grande grau de conhecimento da maioria dos alunos sobre o fenômeno pesquisado, e segundo os mesmos todo esse conhecimento é repassado pelos professores que sempre que podem, trazem essa pauta para sala de aula, e mesmo o *bullying* com extrema violência, não sendo uma realidade vivenciada por eles, encontram-se preparados para lidar caso o mesmo ocorra, e pelo fato de

não ter ocorrências drásticas a intervenção da direção escolar se baseia na prevenção do *bullying* visando um melhor desenvolvimento e desempenho escolar, tendo em vista um futuro sem violência, principalmente no que diz respeito a escola já que dentro delas está o maior número de violências por conta do *bullying* entre outros problemas, por tanto se destaca a importância de cuidar bem dos alunos e mantê-los prevenidos sempre.

A escola Gonçalves Dias se mostrou uma escola ativa nessa prevenção, está sempre atenta aos alunos para que haja o problema para o enfrentamento do mesmo, se posicionando sempre à disposição dos alunos, bem como dos professores, a gestão está sempre aberta para elogios e críticas construtivas para um melhor desempenho escolar, o único questionamento negativo é a ausência da família no desempenho e apoio escolar. Sobre minha estadia na escola reafirmo que os meus questionamentos foram sanados, a escola colaborou com minha pesquisa da melhor forma possível, fazendo assim com que o meu objetivo fosse alcançado.

A temática *bullying* deve ser discutida cada vez mais nos ambientes escolares e familiares, tendo em vista o aumento da violência por conta dele, e deve ser discutida com ainda mais naturalidade e necessidade nas escolas por ser um ambiente de construção que forma indivíduos para a sociedade, e para tanto é necessário que o processo de prevenção e combate ao *bullying* seja obrigatoriamente o objetivo da escola, assim como também da população.

O papel da escola no enfrentamento ao *bullying* no momento segue por meio de pautas nas eletivas de bases impostas pelo Estado com o intuito de prender a atenção dos alunos para esta temática, no entanto ainda segundo a escola no momento em que haver demonstrações mais severas de *bullying* na escola será desenvolvido um projeto para a temática afins de conscientização dos alunos.

Já o papel da família deixou a desejar, tendo em vista as entrevistas coletadas, onde o *bullying* em alguns casos parte da própria família, quando esta deveria ser o suporte para os educandos, com isso concluímos que a participação da família é quase nula, nesse combate.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAPIA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTIPROFISSIONAL DE PROTEÇÃO A INFÂNCIA E À ADOLESCÊNCIA. Abuso sexual – mitos e realidade. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, 3ª Ed., Abrapia, 2002.
- BOURDIEU, P. & PASSERON, J. C. A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- BOURDIEU, P. A Economia das Trocas Simbólicas. 5. ed. Trad. S. Micheli et al. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRADSHAW, C. P., Sawyer, A. L., & O'BRENNAN, L. M. (2009). A social disorganization perspective on *bullying*-related attitudes and behavior: the influence of school context. *American Journal of Community Psychology*, 43(1),204-220.
- BRASIL. Lei n. 9.394 de 20 de novembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. LEI Nº 13.415, DE 16 DE FEVEREIRO DE 2017.
- BITTAR, M.; BITTAR, M.; MOROSINI, M. Producción de Conocimiento y Política Educativa em América Latina – la experiência brasileira. In: PALAMIDESSI, M.; GOROSTIAGA, J.; SUASNÁBAR, C. (Org.). Investigación educativa y política em América Latina. Buenos Aires: Novedades Educativas, 2012. p. 79-112.
- CEZAR, Neura; BARROS, Maria da Anunciação Pinheiro. O impacto do fenômeno *bullying* na vida e na aprendizagem de crianças e adolescentes. Cuiabá: Fapemat, 2008.
- COSTANTINI, A. *Bullying*, como combatê-lo?: prevenir e enfrentar a violência entre jovens.Tradução Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.
- Crochík, J. L., Freller, C. C., Lima e Dias, M. A., Feffermann, M., Nascimento, R. B., & Casco, R. Educação 2013.
- CHALITA, G. *Bullying*: o crime do desamor. Revista Profissão mestre. Ano.9, n.99, dez. 2007, In: Construir notícias. Recife, ano.7, n.40, p.8-9, mai-jun. 2008.
- ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares...et al. João Pessoa: Ética e Cidadania nas Escolas. Editora Universitária, 2003.

DUDEQUE, M. I. Educação de Jovens e Adultos e Formação de Professores: estudo histórico sob o referencial da violência simbólica, 2006. Dissertação de Mestrado, Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

DUE, P., Holstein, B. E., LYNCH, J., Diderichsen, F., GABHAIN, S. N., Scheidt, P., & CURRIE, C. (2005). *Bullying* and symptoms among school-aged children: International comparative cross sectional study in 28 countries. *European Journal of Public Health*, 15(1),128-132.

D'ÁVILA, C. M. (2008) Formação Docente na Contemporaneidade: Limite e Desafios. *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v 17, 2008.

DURKHEIM, Émile. Educação e Sociologia. SP: Melhoramentos, 1952.

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo : Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores).

ELIAS, Maria Auxiliadora. Violência escolar: caminhos para compreender. Atica 1ª EDIÇÃO – 2011.

ELIAS, N. A civilização dos pais. *Revista Sociedade e Estado*. Brasília, v. 27, n. 3, p. 469-493, 2012.

FANTE, Cleo. Fenômeno *Bullying*: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. rev. Campinas, SP: Verus editora, 2005.

FANTE, Cléo. Fenômenos *Bullying*, como combatê-lo: prevenir e enfrentar a violência entre os jovens. Campinas: Verus, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. *Bullying* escolar: perguntas & respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 38.

FÁVERO SOBRINHO, Antonio. O aluno não é mais aquele! E agora, professor? A transfiguração histórica dos sujeitos da educação. Anais do I seminário nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais, Belo Horizonte, novembro de 2010.

FEDER, L. *Bullying* as a public health issue. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 2007, 51(1),491-494.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOFFMAN, Erving. Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GUARESCHI, A. P. SILVA, M. R. da. (Coord.) Bullying Mais Sério do que se imagina. 2ª. ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, EDIPUCRS, 2008.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2009). Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar- PeNSE. Disponível em http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/livro_pense.pdf. Acesso em 17 de agosto de 2022.

WYNNE, S. L., & JOO, H. (2011). Predictors of school victimization: individual, familial, and school factors. *Crime & Delinquency*, 57(3), 458-488.

LOPES NETO, A. A. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5) (supl.), 2005, p. 164-172.

LOPES NETO, Aramis Antônio. *Bullying*: saber identificar e como prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw C. Argonautas do Pacífico Ocidental. Tradução Anton P. Carr. São Paulo: Abril Cultural, 1976. Uma teoria científica da cultura. Tradução José Auto. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

MICHEL, M. H. Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas, 2005.

MOTTA, V. C.; FRIGOTTO, G. Por que a urgência da reforma do Ensino Médio? Medida Provisória nº 746/2016 (Lei nº 13.415/2017). *Educação & Sociedade*. vol.38, n.139, pp.355-372, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

MRUG, S., & WINDLE, M. Bidirectional influences of violence exposure and adjustment in early adolescence: externalizing behaviors and school connectedness. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37(5), 2009, p. 611-623.

OLIVEIRA, S. M. S. D; ARAÚJO, F. M. L; SILVA, C. D. M. D. A prática como locus de produção de saberes: vozes de professores sobre formação inicial e práticas escolares cotidianas. *Revista Educação & Formação*, v. 6, n. 1, 2021.

PINHO, MJ; ARAÚJO, DM. Tecnologias digitais na educação Tocantinense: uma análise da contribuição para o professor. Revista Observatório, Palmas, v. 5, n. 6, p. 507-528, out.-dez. 2019

ROLIM, Marcos. *Bullying*: o pesadelo da escola um estudo de caso e notas sobre o que fazer. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14951>>. Acesso em: 26out.2022.

SILVA, Aida Maria Monteiro. A VIOLÊNCIA NA ESCOLA: A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS E PROFESSORES. www.dhnet.org.br/inedex.htm, 2002.

SILVA, G.J. *Bullying*: quando a escola não é mais um paraíso. In: Mundo Jovem: um jornal de ideias, Porto Alegre, ano. XLIV, n.364, p.2-3, mar. 2006.

SILVA, Manoel Francisco Barros da. A Violência Escolar (fenômeno *bullying*) no contexto da Gestão Democrática. p.4 Disponível em: <http://www.simposioestadopoliticas.ufu.br/imagens/anais/pdf/EC49.pdf>. Acesso em: 26 out. 2022. Out.2015.

LEVISKY, D. Adolescência: reflexões psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MINAYO, M. C. S. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

SOREL, Georges. Reflexões sobre a violência. 1ª ed. b. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SPALDING, M, et al. Desafios e possibilidades para o ensino superior: uma experiência brasileira em tempos de COVID-19. Research, Society and Development, v. 9, n. 8, e534985970, 2020.

TIBA, Içami. Ensinar aprendendo: novos paradigmas da educação. 18ªed. rev. e atual. São Paulo: Integrarem Editora, 2006.

VEIGA, I. P. A.; D'ÁVILA, C. M. (Org.). Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas: Papirus, 2008.

. Conflitos, educação e cidadania: natureza, formas, dinâmica e gestão. In: ZENAIDE, M. N. T. (Org.). Ética e cidadania nas escolas. João Pessoa: Editora Universitária, 2003c.

WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais. In: FERNANDES, Florestan. (Coord.); COHN, Gabriel (Org.). Max Weber. Sociologia. Tradução: Amélia Cohn e Gabriel Cohn. 6 ed. São Paulo: Ática, 1997. (Coleção Grandes Cientistas Sociais; 13).

WEBER, Max. Ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Pioneira, 1999.

WEBER, Max. (1960), “La morale économique des grandes religions”. Archives de Sociologie des Religions, 9: 7-30 (1ª ed. 1920). _____. (1991), Economia e sociedade. Brasília, Editora da UnB.

WEBER, Max. (1960), “La morale économique des grandes religions”. Archives de Sociologie des Religions, 9: 7-30 (1ª ed. 1920) _____. (1977), Critique of Stammer. Nova York, The Free Press.

Weber, Max. (1991), Ensaios sobre a teoria das ciências sociais. São Paulo, Moraes.

ROLIM, Marcos. *Bullying*: o pesadelo da escola um estudo de caso e notas sobre o que fazer. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14951>>.

SITES CONSULTADOS

<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487>

<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc-etapa-ensino-medio>.

Pamela Lamarca Pigozi - Pigozi,Pamela Lamarca. - São Paulo, São Paulo - <pamelapigozi@usp.br>

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS.**Pesquisa direcionada a alunos acerca do *Bullying* na escola.**

Questionário 1

Nome _____ Série _____

Quantos alunos há na sua sala? _____

1-Você compreende que a prática do *bullying* consiste em um conjunto de violências que se repetem?

☐ Sim ☐ Não

2-Esta é uma escola segura para você?

☐ Sim ☐ Não

3-Você já sofreu *Bullying*?

☐ Sim ☐ Não

4- Na sua opinião o *bullying* é um fenômeno recente?

☐ Sim ☐ Não

5-A escola cria projetos de combate ao *Bullying* na sala de aula?

☐ Sim ☐ Não

6-Os professores conversam com vocês sobre o *bullying*?

☐ Sim ☐ Não

7-Sua família conversa com você sobre o *bullying*?

☐ Sim ☐ Não

Caso tenha sofrido *bullying*, qual foi sua reação?

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA

Pesquisa direcionada a gestores, professores e coordenadores acerca do *Bullying* na escola.

Questionário 2

Nome _____ Formação _____

Há quanto tempo você atua como gestor ou professor (a) nesta escola? _____

Quantos alunos há na instituição? _____

1-Dentro da escola você tem percebido a ocorrência de *bullying*?

☐ Sim ☐ Não

Se sim, com que frequência: _____

2- Na sua visão, os professores, em geral, são capazes de impedir que um aluno sofra *bullying*?

☐ Sim ☐ Não

☐ Outro: _____

3-Como você lida com o *bullying* na sua instituição?

☐ Sim: _____

☐ Não

4- A escola tem algum projeto ou ação para o combate da prática de *bullying*?

☐ Sim. Qual: _____

☐ Não

5- Na sua opinião o *bullying* interfere na educação?

☐ Sim ☐ Não

☐ Outro: _____

6-A escola tem o apoio da família, caso ocorra o *bullying*?

☐ Sim ☐ Não

7- Os pais participam ativamente das atividades da escola?

☐ Sim ☐ Não

Você tem alguma observação a comentar que não foi perguntado?

☐ Sim. Qual _____

APÊNDICE C – REGISTROS VISUAIS DO TRABALHO DE CAMPO



Figura1-Frente do Centro de Ensino Gonçalves Dias (Arquivo pessoal 2022)



Figura2- Entrada do Centro de Ensino Gonçalves Dias (Arquivo pessoal 2022)



Figura3- Acessibilidade do Centro de Ensino Gonçalves Dias (Arquivo pessoal 2022)



Figura 4 - Um pouco mais da estrutura do Centro de Ensino Gonçalves Dias, salas do segundo andar, (Arquivo pessoal 2022)



Figura 5- Secretaria do Centro de Ensino Gonçalves Dias (Arquivo pessoal, 2022)



Figura 6- Escadaria que dá acesso ao andar de cima por fora do Centro de Ensino Gonçalves Dias (Arquivo pessoal, 2022)



Figura 7- Pátio do Centro de Ensino Gonçalves Dias (Arquivo pessoal, 2022)



Figura 8- Refeitório e Cantina do Centro de Ensino Gonçalves Dias (Arquivo pessoal, 2022)



Figura 9-Desenvolvimento dos questionários em sala no Centro de Ensino Gonçalves dias (Arquivo pessoal,2022).